

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de Museologia, Conservação e Restauro**  
**Bacharelado em Museologia**



Trabalho de Conclusão de Curso

**Mesquita - RJ: um Lugar Ausente de Museus**

**Marina Monteiro Nascimento**

Pelotas, 2021

**Marina Monteiro Nascimento**

**Mesquita - RJ: um Lugar Ausente de Museus**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

**Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>: Juliane Serres**

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

N244m Nascimento, Marina Monteiro

Mesquita - RJ : um lugar ausente de museus / Marina Monteiro Nascimento ; Juliane C P Serres, orientadora. – Pelotas, 2021.

113 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Mesquita. 2. Museus. 3. Baixada Fluminense. 4. Patrimônio cultural. I. Serres, Juliane C P, orient. II. Título.

CDD : 069

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Marina Monteiro Nascimento

Mesquita - RJ: um Lugar Ausente de Museu

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 11 de novembro de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo.

Prof. Dr<sup>a</sup>. Juliane C P Serres

Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

## **Agradecimentos**

A Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

A minha família por todo apoio e ajuda. Em especial, minha mãe que com muito amor e paciência me abraçou com suas palavras de confiança e conforto para que eu alcançasse tal objetivo em minha vida.

Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho.

À professora Juliane Serres, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

Aos meus colegas de turma, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

Aos municípios da Baixada Fluminense, em especial a cidade de Mesquita, pela disponibilização de conteúdos histórico e cultural, que foram de grande utilidade para a elaboração deste trabalho científico.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

## Resumo

Nascimento, Marina Monteiro. Mesquita - RJ: um Lugar Ausente de Museu. Orientadora: Juliane C P Serres. 2021. Dissertação [1] (Bacharelado em Museologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar o caso da ausência de museus na cidade de Mesquita, na região da Baixada Fluminense no estado do Rio de Janeiro. Embora no Brasil existam museus desde o século XIX, até este momento, encontram-se cidades sem instituições museais por conta de um passado/presente com grande defasagem de investimentos públicos na área cultural. Os museus são, por excelência, instituições de divulgação e preservação do patrimônio cultural, na sua ausência, algumas instituições cumprem esse papel. Neste trabalho a ausência é atribuída no foco sócio-cultural, seguindo aos interesses coletivos, pois os museus são lugares de representatividade que media entre os lugares, a população e ao mesmo tempo definem uma identificação cultural e quebra de barreiras patrimoniais. A pesquisa apresenta a situação da Baixada Fluminense e suas manifestações culturais, com enfoque em Mesquita, buscando compreender essa ausência e apresentando instituições/projetos que cumprem esse papel de preservação do patrimônio e demais manifestações culturais no município. Além da revisão bibliográfica, análise documental, a pesquisa utilizou questionários e entrevistas.

Palavras-chaves: Mesquita; Museus; Baixada Fluminense; Patrimônio Cultural.

## Abstract

Nascimento, Marina Monteiro. Mesquita - RJ: an Absent Museum Place. Advisor: Juliane Serres. 2021. Dissertation [1] (Bachelor of Museology) - Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

Abstract: This paper aims to analyze the case of the absence of museums in the city of Mesquita, in the region of Baixada Fluminense in the state of Rio de Janeiro. Although museums have existed in Brazil since the nineteenth century, until this moment, there are cities without museum institutions because of a past/present with great lags in public investment in the cultural area. Museums are, par excellence, institutions for the dissemination and preservation of cultural heritage; in their absence, some institutions fulfill this role. In this work, the absence is troubled in the cultural society focus, following collective interests, as museums are places of representation that mediate between places, the population and at the same time define a cultural identification and break down heritage barriers. The research presents the situation of the Baixada Fluminense and its cultural manifestations, with a focus on Mesquita, seeking to understand this absence and presenting institutions/projects that fulfill this role of preservation of the heritage and other cultural manifestations in the municipality. In addition to literature review, document analysis, the research used questionnaires and interviews.

Keywords: Mesquita; Museums; Baixada Fluminense; Cultural heritage.

## Lista de Figuras

<b>Figura 1</b>	Vista aérea do Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista.....	24
<b>Figura 2</b>	Incêndio do Museu Nacional.....	25
<b>Figura 3</b>	Arquivo Nacional, situado em Campo de Santana - Rio de Janeiro.....	25
<b>Figura 4</b>	Imagem do gráfico sobre o número de funcionários dos museus.....	30
<b>Figura 5</b>	Imagem do gráfico sobre o crescimento de museus do ano de 1900 até 2009.....	31
<b>Figura 6</b>	Mapa do estado do Rio de Janeiro, dividido entre suas regiões.....	37
<b>Figura 7</b>	Mapa de Dispersão dos Museus no estado do Rio de Janeiro.....	38
<b>Figura 8</b>	Região da Baixada Fluminense.....	41
<b>Figura 9</b>	Mapa da Região de Nova Iguassu.....	42
<b>Figura 10</b>	A emancipação dos primeiros municípios.....	43
<b>Figura 11</b>	Emancipação dos últimos municípios.....	44

<b>Figura 12</b>	Nova Iguaçu.....	47
<b>Figura 13</b>	Fazenda São Bernardino.....	47
<b>Figura 14</b>	O aterro sanitário do bairro Jardim de Gramacho.....	48
<b>Figura 15</b>	Museu de Ciências.....	51
<b>Figura 16</b>	Quilombo Maria Conga – Magé.....	52
<b>Figura 17</b>	Museu Von Martius – Guapimirim.....	53
<b>Figura 18</b>	Sala de exposição do Centro de Memória de Itaguaí.....	55
<b>Figura 19</b>	Antiga Cia. Têxtil Brasil Industrial.....	56
<b>Figura 20</b>	Antiga Estação de Japeri.....	57
<b>Figura 21</b>	Galeria Espaço Cultural Antônio Fraga.....	59
<b>Figura 22</b>	Igreja da Matriz de São João.....	60
<b>Figura 23</b>	Muro do Museu João Cândido.....	62
<b>Figura 24</b>	Placa em Homenagem ao João Cândido.....	62
<b>Figura 25</b>	Escola de samba G.R.E.S Beija - Flor de Nilópolis.....	63
<b>Figura 26</b>	Museu do IAB Belford Roxo.....	65

<b>Figura 27</b>	José Francisco de Mesquita.....	73
<b>Figura 28</b>	Jerônimo José de Mesquita.....	73
<b>Figura 29</b>	Casa sede da Fazenda Cachoeira ao fundo e a capela de Nossa Senhora da Conceição.....	74
<b>Figura 30</b>	Centro de Mesquita.....	76
<b>Figura 31</b>	Escola Municipal de Artes da Chatuba.....	78
<b>Figura 32</b>	Escola Municipal de Artes da Chatuba.....	78
<b>Figura 33</b>	Centro Cultural Oscar Romero.....	78
<b>Figura 34</b>	Associação Cabo Verdiana.....	78
<b>Figura 35</b>	Praça Elizabeth Paixão.....	81
<b>Figura 36</b>	Homenagem às pracinhas mesquitenses que foram na segunda guerra mundial.....	80
<b>Figura 37</b>	Monumento à Bíblia.....	81
<b>Figura 38</b>	Roda Cultural de Mesquita na Praça João Luiz do Nascimento, mais conhecida como Praça da Telemar.....	81
<b>Figura 39</b>	Projeto Vem Pra Praça.....	82
<b>Figura 40</b>	Instituto Cultural Mestre Nagô - Mesquita RJ.....	82

<b>Figura 41</b>	Homenagem aos primeiros habitantes.....	83
<b>Figura 42</b>	Homenagem aos artistas locais.....	84
<b>Figura 43</b>	Homenagem aos dois mesquitenses.....	84
<b>Figura 44</b>	Placa da exposição que diz “anônimos que foram eternizados na galeria á céu aberto”.....	85
<b>Figura 45</b>	Muro Grafitado.....	85

## Lista de Gráfico

<b>Gráfico 01</b>	Comparativo dos museus que estão no Cadastro Nacional do Rio de Janeiro vs Baixada Fluminense.....	69
<b>Gráfico 02</b>	percentual de quem já foi ao Museu.....	87
<b>Gráfico 03</b>	percentual se querem Museu na cidade.....	87

## Lista de Tabelas

Tabela 01	Tabela dos Museus da Baixada Fluminense.....	67
-----------	--	----

### Lista de Abreviaturas e Siglas

ACDUC	Associação Carnavalesca de Duque de Caxias
ALERJ	Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro
B.F	Baixada Fluminense
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CCBB	Centro Cultural do Banco do Brasil
CECIERJ	Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CEPAC	Certificados de Potencial Adicional de Construção
CNM	Cadastro Nacional de Museus
CETA	Centro Experimental de teatro e Artes
DEMU	Departamento de Museus e Centros Culturais
EMBRATUR	Empresa Brasileira de Turismo (Atualmente é Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo)
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FIFA	Federação Internacional de Futebol
G.R.E. S	Grêmio Recreativo Escola de Samba
IPAHB	Instituto de Pesquisa e Análises Históricas da Baixada Fluminense

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
INEPAC	Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MAMY	Mariangela Yanase
MAR	Museu de Arte do Rio
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MINC	Ministério da Cultura
MUMA	Museu Marítimo do Brasil
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONG	Organizações Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PNC	Plano Nacional de Cultura
PNM	Política Nacional de Museus
PSD	Partido Social Democrático
RJ	Rio de Janeiro
SEMCELT	Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo
SNC	Sistema Nacional de Cultura
SNIIC)	Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais
SPHAN	Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SPI	Serviço de Proteção ao Índio

UCPM	Unidos Pela Cultura de Magé
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## Sumário

<b>1. Introdução</b> .....	17
<b>2. A relação entre museus da capital do Rio de Janeiro com a região Fluminense</b> .....	22
2.1. Rio de Janeiro como um eixo cultural.....	23
2.2 .A descentralização do olhar cultural no Estado do RJ.....	35
<b>3 A Baixada Fluminense e suas expressões culturais</b> .....	40
3.2. A Baixada Fluminense.....	40
3.2. Os municípios e suas expressões culturais.....	44
3.2.1. Nova Iguaçu.....	44
3.2.2 Duque de Caxias.....	47
3.2.3. Magé e Guapimirim.....	51
3.2.4. Itaguaí.....	53
3.2.5. Seropédica, Paracambi, Japeri e Queimados.....	55
3.2.6. São João de Meriti, Belford Roxo, Nilópolis e Mesquita.....	59
<b>4 Mesquita e a Ausência de Museus</b> .....	71
4.1. História da Cidade.....	71
4. 2. Espaços culturais da cidade.....	77
4.3. O olhar da população.....	86
<b>5 Considerações Finais</b> .....	93
<b>Referências</b> .....	95
<b>Apêndices</b> .....	103

## 1 Introdução

Este trabalho visa apresentar e analisar o caso da ausência de museus na cidade de Mesquita, no Rio de Janeiro. A partir de referências teóricas e conceitos específicos, as políticas de patrimônio devem ser um direito social, abrangendo a diversidade cultural, e desta forma, serem compreendidas como políticas de inclusão social, garantindo o acesso da população a ações afirmativas e identitárias, de modo a alcançar parcelas da população historicamente excluídas.

Nesse contexto, é preciso problematizar vetores (político, econômico, social, cultural) que impossibilitam instituições museais de atuarem nesta cidade, e trazer questões que envolvem a política de cultura e salvaguarda de bens materiais e imateriais. Através disso, pode-se fomentar a discussão sobre as dificuldades específicas que a cidade de Mesquita enfrenta para o desenvolvimento e implementação de suas políticas culturais. Apesar de dispormos de vários métodos e ferramentas de comunicação, informação e estudos sobre museus, que tem sido cada vez mais explorados durante o período de pandemia da COVID-19 com o crescimento, por exemplo, de exposições virtuais, ainda assim, existem cidades que por conta de um passado/presente com expressiva defasagem de investimentos públicos na área cultural, não promovem a criação de espaços para se pensar este tipo de patrimônio. Dentre estes espaços, estão os museus, instituições de divulgação e preservação do patrimônio cultural por excelência.

Considerando que o primeiro Museu do Brasil, o Museu Nacional, foi criado na cidade do Rio de Janeiro, ainda no século XIX por iniciativa de D. João VI, inaugurando a criação e posterior difusão de instituições por todo o território nacional, e também ter sido no Rio de Janeiro onde o primeiro Curso de Museologia do Brasil foi criado, na década de 1930, junto ao Museu Histórico Nacional; a ausência de instituições em muitas cidades fluminenses ainda é um tema a ser explorado. Nesse sentido, o presente trabalho abrange questionamentos como: Por que esses lugares estão ainda carentes de tais instituições? Quais outras instituições ocupam esse vácuo cultural? E se há o desejo dessa população de ter um museu na sua cidade?

O estado do Rio de Janeiro é historicamente marcado por acontecimentos sociais e políticos que acabaram por transformá-lo em um dos centros culturais do país. Entretanto, as cidades que integram a Baixada Fluminense (Mesquita, Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Japeri, Queimados, Magé, Nilópolis, Nova Iguaçu e São João de Meriti), embora pertençam a região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, estão muito distantes em vários aspectos, um deles é em relação ao fomento e criação de instituições culturais. As cidades da Baixada Fluminense ainda são muito recentes ao olhar governamental que, apesar de terem seu meio econômico ativo e uma população diversificada culturalmente, ainda não têm uma grande motivação e esforços das prefeituras em relação ao âmbito museal.

Mesquita é uma cidade que ainda está em processo de estruturação e desenvolvimento, sendo uma das últimas a se emancipar de Nova Iguaçu no ano de 1999<sup>1</sup>. Essa ruptura contribuiu para que os habitantes do município de Mesquita se unissem em torno de memórias e lutas que os caracterizassem como comunidade. Essa ruptura foi possibilitada, em grande medida, através da expansão econômica ocasionada pelo crescimento do setor industrial e comercial na região durante as últimas décadas. Entretanto, sua população é formada majoritariamente por trabalhadores que ainda precisam se deslocar diariamente para os maiores centros urbanos fora dos limites da cidade. De acordo com os dados do IBGE de 2020, sua população no mesmo ano era de cerca de 176.569 habitantes.

Os cidadãos de Mesquita ainda se deparam com diversos desafios relacionados à precarização de serviços, como o transporte público, o sistema de saúde, a oferta de escolas, creches e, também, de aparatos culturais. Em relação à cultura, é possível perceber um crescimento na disponibilidade de eventos culturais, porém, em se tratando de uma base administrativa para bens culturais e patrimoniais; Mesquita ainda tem muito a crescer, pois, ainda falta um planejamento e engajamento mais consistentes das iniciativas públicas e privadas perante os bens culturais, que reflitam em ações patrimoniais mais duradouras, como por exemplo, da criação de um Museu.

---

<sup>1</sup> Mesquita, a caçula da Baixada Fluminense. Prefeitura de Mesquita. 2021. Disponível em: <<http://www.mesquita.rj.gov.br/pmm/sobre-a-cidade/>>. Acesso em: 9 de abr. de 2021.

Entretanto, é preciso entender que a implementação de um museu na cidade não basta para que a valorização cultural e patrimonial aconteça, antes de que este passo seja dado, é essencial entender a necessidade cultural daquela população. Se faz necessário um amplo estudo para melhor compreender os valores culturais e patrimoniais dos habitantes locais; sua história, memórias, tradições e expressões culturais que são consideradas como importantes para aquela comunidade. Somente desta forma é possível entender de que maneira a implementação de um museu na cidade iria contribuir para o coletivo.

Dentro dos estudos museológicos, é comum encontrarmos ampla bibliografia voltada a gestão, funcionamento e teoria dos museus e museologia. No entanto, uma pequena parcela destes estudos, ainda, é voltada para entender a ausência dessas instituições em cidades e regiões; como esse fato impacta na dinâmica cultural da população; os motivos pelos quais essa ausência acontecem e de que forma se dão os arranjos patrimoniais, de preservação e comunicação destas expressões culturais, dentro destas comunidades na ausência de um museu. Podemos dizer que, pesquisar essas iniciativas culturais espalhadas pela cidade de Mesquita, se caracteriza como um importante passo para compreender a ausência de instituições museais e os desajustes governamentais em cidades periféricas. Desta maneira, este trabalho se propõe a trazer essas reflexões sobre uma realidade sociocultural local e complexa.

A importância também de se discutir esse tema, se deve ao fato de, por um lado, vemos o crescimento dessas instituições no país nas últimas décadas, porém, as políticas culturais estabelecidas no Brasil ainda trazem resíduos muito fortes da promoção e legitimação de pequenos grupos da população como produtora de identidade, memória e, principalmente, de história. A educação patrimonial no Brasil, seja ela voltada a tradições de caráter predominantemente materiais ou imateriais, ainda é muito carente de desenvolvimento pedagógico e político, por isso, a Política Nacional de Museus (PNM), que tem entre seus principais objetivos alcançar pequenas cidades do interior do país, onde a circulação de informações e divulgação de iniciativas patrimoniais são precárias ou desvalorizadas, tem esse grande desafio.

A partir das transformações surgidas com a Nova Museologia, os museus precisaram repensar qual o papel que devem desempenhar neste período de grandes mudanças. Considerando que museus são instituições que têm em seu cerne a função de preservar, pesquisar, divulgar a cultura patrimonial e contribuir na transformação da realidade; este trabalho também entende como essencial discutir o processo de descolonização cultural, reflexões dentro das quais muitas instituições museais vêm encontrando uma força motriz para se reformular, inovar e realizar transformações dinâmicas ao longo dos últimos anos. Com isso, é significativo retratar como a ausência de instituições museais impacta em uma região, pois a população entende que os museus representam não só a trajetória do lugar, como também, legitimam e valorizam seu patrimônio cultural. Para a população, investir neles é também investir no social, que ramificam para o âmbito econômico, educacional e político.

Para alcançar os objetivos propostos, foram utilizados os métodos de pesquisa qualitativo que se dividem em: pesquisa exploratória, que visam obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho, pesquisa documental, no caso, analisa fontes diversificadas como tabelas e gráficos, e pesquisa de campo, porque abrange a investigação, bem como realizar um mapeamento de áreas culturais da cidade e entrevista com o público (GERHARDT, SILVEIRA, 2009).

As entrevistas foram aplicadas em dois modos: o primeiro sendo questionários online, com 48 mesquitenses que frequentam instituições da cidade como clubes, escolas e a Vila Olímpica, e o segundo, um conjunto entrevistas semiestruturadas com pessoas que atuam nas instituições culturais e três mulheres sendo duas professoras que trabalharam a mais de dez anos no município e a outra como enfermeira, todas aposentadas, mas que, estão nos enredos da construção e transformação de Mesquita antes da emancipação.

O trabalho apresenta um estudo de caso realizado no Município de Mesquita - RJ, no período que compreende o segundo semestre de 2021, e que tem como objetivo compreender a ausência de instituições museais na cidade, o que pensam

alguns moradores sobre a política de memória e de bens culturais desenvolvidos, e quais as dinâmicas culturais existentes na cidade que buscam preencher esse vácuo patrimonial. Para tanto, foram coletadas informações junto à população, na qual foram entrevistados moradores da cidade e alguns funcionários que trabalham com questões culturais, respeitando o distanciamento social devido a pandemia de COVID-19.

As perguntas que nortearam as entrevistas, giraram em torno do conhecimento que as pessoas têm sobre museus: se já visitaram algum museu, se julgam importante a cidade possuir um museu, se consideram interessante ter um museu na cidade, qual(ais) tipo(s) de museu(s) que poderia(m) ser inserido(s), entre outras. Através da coleta e análise dos depoimentos, pretendeu-se identificar a visão dos moradores locais sobre a necessidade de se ter ou não um museu na cidade.

Para o desenvolvimento da pesquisa, este trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro, aborda a trajetória cultural da capital do Estado do Rio de Janeiro, a abertura de instituições museais e suas políticas culturais, entendendo como a cidade tornou-se o grande centro cultural que é hoje, enfatizando os principais museus da cidade, além de evidenciar as diferenças de investimentos e incentivos culturais entre a capital e outras regiões do Estado.

O segundo capítulo trata do surgimento da Baixada Fluminense, que abrange as cidades de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Magé, Guapimirim, Itaguaí, Seropédica, Queimados, Belford Roxo, Paracambi Japeri e Mesquita. Para tanto, buscou-se apresentar e discutir suas características de ocupação territorial, percorrendo fatores históricos importantes e a dinâmica de crescimento de cada cidade ao longo do processo de divisão geográfica e singularização cultural.

No terceiro e último capítulo, buscou-se analisar a cidade de Mesquita, objeto deste trabalho, considerada a caçula do Estado, através da análise das entrevistas realizadas com cidadãos mesquitenses, políticos e agentes culturais da cidade, de modo a entender como estes atores sociais percebem a ausência de museus na região.

Espera-se com esse trabalho contribuir com as discussões em andamento sobre patrimônio e trazer o problema da ausência de um museu no município para o centro desse debate.

Entendemos que os museus, como instituições que têm por objetivo primordial preservar e comunicar o patrimônio cultural de uma comunidade, ocupam um espaço simbólico na valorização do patrimônio, cujas funções não são substituídas por outros aparatos e ações culturais. Entretanto, os motivos que levam à criação de um museu precisam, necessariamente, estarem ligados a uma vontade popular, pois é este envolvimento desde as bases do planejamento da criação do museu que irão instigar o sentimento de pertencimento daquela população em relação à instituição.

É importante que a identidade cultural de um município se fortaleça, para evitar que suas memórias e traços característicos se percam, e que se estabeleça uma política de apagamento.

## **2. A relação entre museus da capital do Rio de Janeiro com a região Fluminense.**

Este capítulo visa apresentar a construção cultural e o avanço patrimonial por meio de fatores históricos e geopolíticos entre o Rio de Janeiro, capital do estado, e a área da Região Fluminense. O primeiro subcapítulo dedica-se a apresentar como se iniciou o processo de construção de instituições culturais, que alavancaram o sentido patrimonial da cidade do Rio de Janeiro. Com isso, observamos, também, o crescimento educacional e científico para setores museológicos, colocando esta cidade nos holofotes da política nacional de bens culturais e na indústria do turismo.

No decorrer do segundo subcapítulo, apresenta-se outras regiões do Estado como campo de diversas expressões socioculturais, sua história e a dinâmica dos processos de crescimento nos últimos anos. O texto pretende analisar as diferentes atuações de investimentos, difusão e visibilidade das instituições museais, nestas regiões que permitam fazer uma comparação com a capital.

## 2.1 Rio de Janeiro como um eixo cultural

Não há dúvidas, que o estado do Rio de Janeiro contribuiu e contribui na formação histórica do Brasil, principalmente, se tratando de Patrimônio Cultural. O município do Rio de Janeiro funcionou como Capital Federativa de importantes acontecimentos políticos e relações econômicas do país, logo após a chegada da família real e sua corte portuguesa em 1808. “O príncipe regente decretou a fundação de diversas instituições como: o Banco do Brasil, a Biblioteca Real (futura Biblioteca Nacional), o Teatro, a imprensa, centros acadêmicos, Horto Real (jardim Botânico), a Escola Nacional de Belas Artes (Museu Nacional de Belas Artes) e o primeiro Museu Real (Museu Nacional)” (FERNANDES, 2018, p. 149). Para a autora, o objetivo da criação do museu naquela época, foi coletar e pesquisar a flora, a fauna e a geologia da região, assim como, desenvolver estímulos para o conhecimento científico. Isto contribuiu com a difusão e o alastramento de outros museus dentro e fora do estado, potencializando as transformações culturais, bem como a valorização identitária no Brasil. Ainda, conforme a autora descreve em edição da Revista Musas, por comemoração ao bicentenário do Museu Histórico Nacional, no ano de 2018.

O Museu Nacional foi criado por D. João VI, em 6 de junho de 1818, tendo como objetivos a difusão das ciências, da educação e da cultura. Na vinda ao país da Imperatriz Leopoldina, estudiosa das ciências naturais, veio na sua comitiva uma missão científica formada por naturalistas que deram grande contribuição às ciências no país. A partir de 1821, já com D. Pedro I como regente do Brasil, a instituição passa a receber importantes coleções de viajantes. (FERNANDES, 2018, p. 149)

D. Pedro II, assim como sua mãe, a imperatriz Leopoldina, também tinha grande interesse pela ciência, investindo em projetos e instituições direcionados para educação e tecnologia no Brasil. Sua formação educacional permitiu com que ampliasse o desenvolvimento para essas áreas, acreditando no progresso nacional e patrimonial no país. Segundo Fernandes (2018, p. 149), “seu interesse pelas ciências o levou, ao longo dos anos, a formar uma valiosa coleção de peças que

---

<sup>2</sup> O qual se chamava "Casa de História Natural" que era conhecido como: "Casa dos Pássaros". Depois do final da república passou a ser conhecido como Museu Nacional, em um novo prédio mais empoderado. Depois o Museu passou a ser vinculado à Universidade do Rio de Janeiro - UFRJ desde 1946. (FERNANDES, 2018, p. 148)

ficavam expostas em seus gabinetes do Paço de São Cristóvão”. Situado em um suntuoso prédio na Quinta da Boa Vista, o Museu Nacional é entendido como o primeiro museu brasileiro.



**Figura 1:** Vista aérea do Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista.

Fonte: Site oficial do Museu Nacional, disponível em:

<<http://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html>>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

Até os dias de hoje, o Museu Nacional, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é considerado um grande símbolo brasileiro, mesmo após o incêndio ocorrido no final do ano de 2018, que danificou drasticamente sua estrutura e acervos. De acordo com a Revista Universidade (2018), o museu continua em pleno movimento com suas ações de pesquisa, escavações arqueológicas para a recuperação do acervo perdido pelo incêndio e busca por investimentos para a reconstrução de seu prédio, que precisou se reerguer das cinzas, pois, a instituição temia a não reabertura, devido ao seu custo estimado de 300 milhões de reais, e até em 2020 o museu já conseguiu o valor estimado de R\$102 milhões de reais.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> BARBON, Júlia. Museu Nacional do Rio teme não ter dinheiro para reabrir em 2022.

Folha de São Paulo: 09 de fev.2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2020/02/museu-nacional-do-rio-teme-nao-ter-dinheiro-para-reabrir-em-2022.shtml#:~:text=Os%20valores%20que%20a%20institui%C3%A7%C3%A3o,%C3%A9%20de%20R%24%20300%20milh%C3%B5es>>. Acessado em 20 de abril de 2021.

Segundo o site do Museu, a restauração do edifício está em andamento, neste segundo semestre de 2021.



**Figura 2:** Incêndio do Museu Nacional.

Fonte: Revista Universidade, disponível em:

<<https://blog.ufes.br/revistauniversidade/2018/12/13/artigo-o-museu-que-se-ergue-das-cinzas/>>.

Acesso em: 20 de abr. de 2021.

Durante a República Velha, muita coisa foi modificada, principalmente no que diz respeito às questões patrimoniais. Como exemplo, o Museu Nacional, que ficava localizado no Campo de Santana, mudou-se para o Paço de São Cristóvão (Quinta da Boa Vista), o qual tinha servido de moradia para a família real (exilada na França), e o antigo prédio do museu deu lugar ao Arquivo Nacional, até hoje fixado no centro do Rio de Janeiro. (FERNANDES, 2018, p. 149).



**Figura 3:** Arquivo Nacional, situado em Campo de Santana - Rio de Janeiro.  
Fonte: Disponível em: <<https://www.tripadvisor.com.br/>>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

Uma vez que a cidade do Rio de Janeiro foi pioneira em construir um museu e instituições que promovem atividades culturais, ela também foi precursora do curso de capacitação para a área de museus, que se iniciou em 1932, no Museu Histórico Nacional (1922), e mais tarde veio a se instalar na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), na década de 1940. Segundo Julião:

O Museu Histórico Nacional acabou constituindo-se em órgão catalisador dos museus brasileiros, cujo modelo foi transplantado para outras instituições. Contribuiu para isso a instalação do curso de museologia, criado sob a orientação de Gustavo Barroso, que funcionou no próprio MHN entre 1932 e 1979, formando profissionais que atuaram na área em todo o país. Seguindo as diretrizes do MHN, os museus surgidos especialmente a partir das décadas de trinta e quarenta traziam as marcas de uma museologia comprometida com a idéia de uma memória nacional como fator de integração e coesão social, incompatível, portanto, com os conflitos, as contradições e as diferenças. (JULIÃO, 2006, p. 19).

No decorrer do século XX, houve a criação de órgãos federais, projetos e leis que visavam organizar administrativamente e estruturar o campo patrimonial no Brasil. Um destes primeiros movimentos foi a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937-1945. Foi o primeiro departamento a pensar a proteção do patrimônio cultural brasileiro. Seu anteprojeto teve a colaboração de Mário de Andrade, a convite do Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema (SILVA, 2015, p. 61). Mais adiante, o SPHAN torna-se o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tornando-se "uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura<sup>4</sup> que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro." (IPHAN, 2019).

Anos mais tarde, a quantidade de museus existentes no país, muitos vinculados ao IPHAN, precisavam de um departamento mais específico no que se referia à gestão (Silva 2015), então houve a criação do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU), instituído pelo decreto nº 4.811/2003. Dentre seus objetivos, o DEMU visava implementar e coordenar ações relativas ao

---

<sup>4</sup> Atualmente, o órgão está extinto com a edição da Lei Nº 13.844, de 18 de Junho de 2019. As funções do antigo Ministério foram atribuídas ao Ministério da Cidadania. Ministério da Cultura - MinC. Portal Brasileiro de Dados Abertos. 2021. Disponível em:<<https://dados.gov.br/organization/about/ministerio-da-cultura-minc>>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

desenvolvimento dos museus brasileiros, ampliando o alcance de informações técnicas e teóricas e criando uma rede de discussão e apoio sobre o fazer museu, conforme salienta o Artigo 16, inciso II: “Gerenciar e implementar ações visando o desenvolvimento das unidades especiais e museus subordinados às Superintendências Regionais” (Decreto nº 4.811/2003, apud SILVA, 2015, p. 67). A criação do DEMU no seio do IPHAN facilitou o acesso à comunidade em geral, promovendo debates e ações de políticas públicas e fóruns sobre a salvaguarda e divulgação nos museus brasileiros, permanecendo amplamente ligado a implementação da Política Nacional de Museus (PNM) e do Sistema Nacional de Museus (SNM).

Em 2008 o DEMU foi substituído pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Silva relata que “O Ibram tornar-se-ia o substituto do Demu, e por consequência do Iphan, na coordenação e execução da Política Nacional de Museus” (SILVA, 2015 p.69). Responsável pela coordenação da aquisição e preservação do acervo, bem como da qualificação e integração de museus, hoje o IBRAM é vinculado ao Ministério do Turismo, estando representado em nove dos estados brasileiros, por meio dos 30 museus que administra diretamente. (IBRAM, 2021). Dentre este montante, 14 deles estão localizados no estado do Rio de Janeiro, sendo eles:

- Museu Imperial - Petrópolis/RJ
- Museu Histórico Nacional - Rio de Janeiro/RJ
- Museu Nacional de Belas Artes - Rio de Janeiro/RJ
- Museu da República - Rio de Janeiro/RJ
- Museus Castro Maya - Chácara do Céu e Açude - Rio de Janeiro/RJ
- Museu de Arte Sacra de Paraty - Paraty/RJ
- Museu Villa-Lobos - Rio de Janeiro/RJ
- Museu Casa de Benjamin Constant - Rio de Janeiro/RJ
- Forte Defensor Perpétuo de Paraty - Paraty/RJ
- Casa de Cláudio de Souza - Petrópolis/RJ
- Palácio Rio Negro - Petrópolis/RJ
- Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio - Cabo Frio/RJ

- Museu Casa da Hera - Vassouras/RJ
- Museu de Arqueologia de Itaipu - Niterói/RJ (IBRAM. 2021)

A capital do Rio de Janeiro, possui consideráveis incentivos culturais, o que contribui para que a quantidade de museus que abrigam seja significativa. Segundo o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), é o quinto do Estado com maior quantidade de instituições, sendo dos 254 museus do estado, 124 deles estão localizados somente na capital, ou seja, quase 50% de concentração nesta região (IBRAM, 2009, p. 55).

Um outro marco importante para o campo museal foi a Declaração do Rio de Janeiro, estabelecida no “Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus, em 1958”. Esse documento foi um marco não somente para o Rio de Janeiro, mas também para a Museologia, uma vez que procurava ressaltar o fator educativo nos museus e a ligação entre a sociedade e as exposições apresentadas. (LEGISLAÇÃO SOBRE MUSEUS, 2013). Além disso, designou funções mais específicas sobre esta área, estimulando a profissionalização da área e lançando um olhar mais detalhado para a comunicação entre as instituições museológicas e os visitantes em geral.

Entre a década de 1930 até os anos 2000, houve um crescimento com relação a projetos de fomento à preservação e divulgação de bens patrimoniais, bem como da criação de legislação específica, nas quais foram estabelecidas bases sólidas para o enriquecimento de investimentos nessas áreas, o que resulta na unificação de um sistema nacional de ações de proteção. Em 2010 o IBRAM implantou o Cadastro Nacional de Museus (CNM) que tem como objetivo mapear os museus de todas as regiões.

O CNM faz parte de uma ação, que tem como esforço integrar uma política de informação que localiza os museus de regiões de interior, conciliando com a criação do Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC). Deste modo, segue a lista de municípios com Museus no estado do RJ que se cadastraram no CNM independente da administração direta do IBRAM: “Angra dos Reis, Araruama, Arraial do Cabo, Barra do Piraí, Barra Mansa, Belford Roxo, Cabo Frio, Cachoeiras de Macacu, Campos dos Goytacazes, Cantagalo, Casimiro de Abreu, Comendador

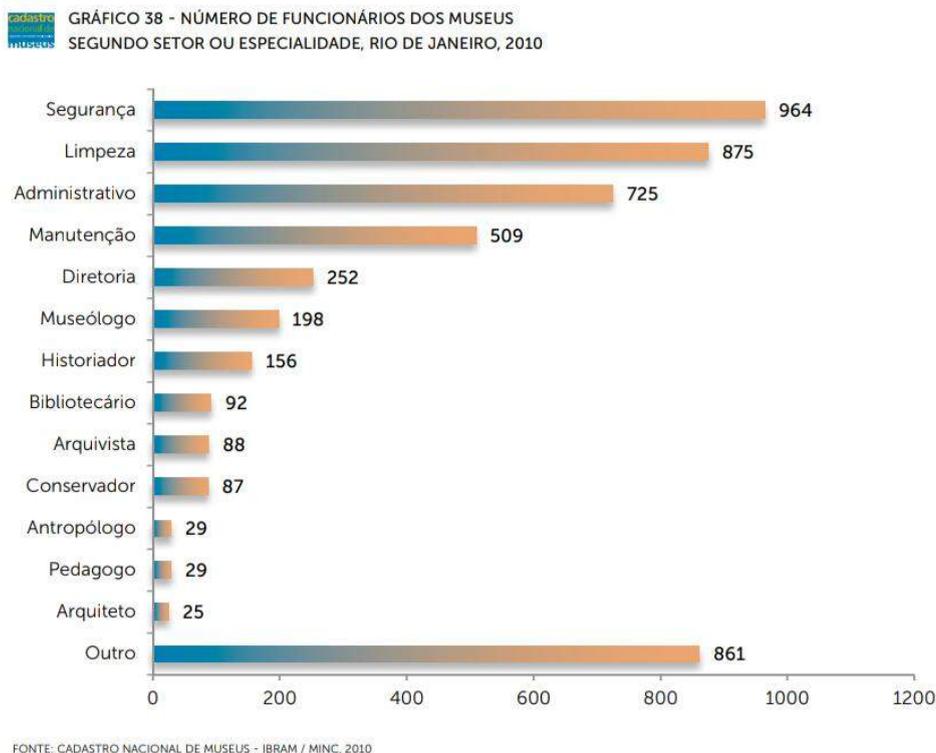
Levy Gasparian, Duas Barras, Duque de Caxias, Engenheiro Paulo de Frontin, Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Itatiaia, Japeri, Macaé, Magé, Maricá, Mendes, Miguel Pereira, Miracema, Natividade, Nilópolis, Niterói, Nova Friburgo, Nova Iguaçu, Paraíba do Sul, Paraty, Paty do Alferes, Petrópolis, Quatis, Queimados, Quissamã, Resende, Rio das Ostras, Rio de Janeiro, Santa Maria Madalena, São João de Meriti, São Pedro da Aldeia, Saquarema, Seropédica, Teresópolis, Valença, Vassouras, Volta Redonda.” (Museus em Número, 2011, p.153).

Com isso, a área patrimonial no Brasil ganhou estrutura e corpo, o que contribuiu para o aumento e surgimento de espaços culturais no interior do país. Algumas ações importantes neste sentido, são a organização da Legislação de Museus, atualizada em 2019, e do Plano Nacional de Cultura (PNC).

De acordo com o IBRAM, os museus promovem empregos em diversos setores, como segurança, administração, manutenção e entre outros, como mostra na figura 4 do gráfico sobre números de funcionários dos museus. No período de 2010 existiam apenas 198 museólogos empregados nos museus do estado todo, segundo o IBRAM

Os 198 museólogos empregados nos museus do Estado formam o maior contingente em números absolutos dentre as unidades federativas e o segundo maior em termos de proporção ao número total de funcionários, precedido apenas pelo Estado da Bahia. Os dois Estados sediam os cursos de graduação em Museologia mais antigos do País, o da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e o da Universidade Federal da Bahia (UFBA). (IBRAM. 2011)

Pelo levantamento de dados feito pelo IBRAM em 2010, o Rio de Janeiro tinha mais de quatro mil funcionários empregados por unidades federativas, porém, a margem de museólogos empregados, ainda era muito baixa ao comparar com outros setores de trabalho dentro dos museus.



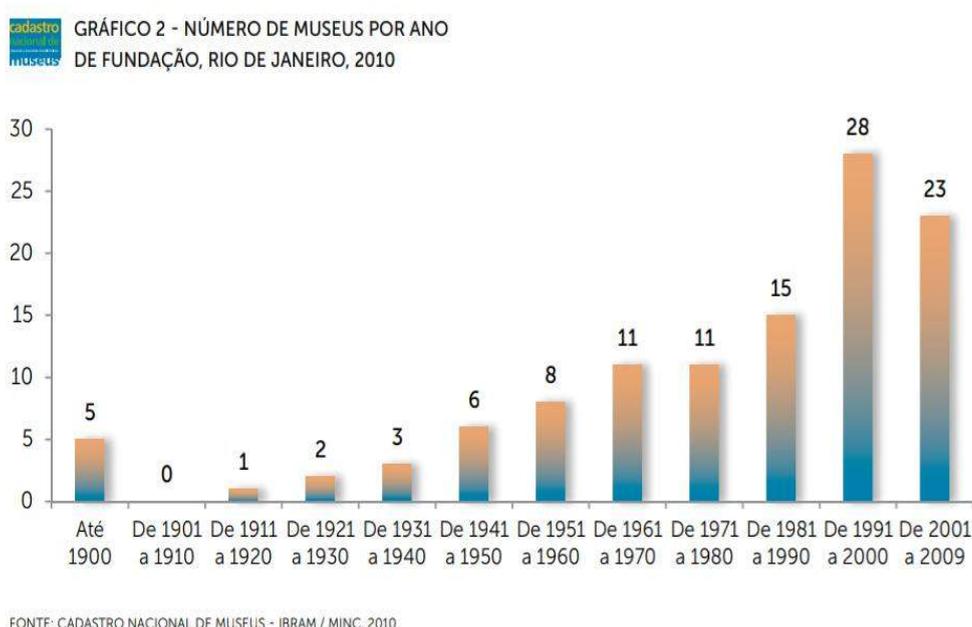
**Figura 4:** imagem do gráfico sobre o número de funcionários dos museus.

Fonte: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010 disponível em: [https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/Museus\\_em\\_Numeros\\_Volume\\_2B.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/Museus_em_Numeros_Volume_2B.pdf). Acessado em 02 de setembro de 2021.

Com a criação de leis e diretrizes que permitem a regulamentação da área profissional, aumentaram as possibilidades de melhorar as práticas museológicas, tendo aprimoramento das capacitações de trabalho, como cursos de graduação e pós-graduação para áreas da museologia e cursos disponíveis pelo próprio IBRAM, aumentando também a visibilidade e o acesso dos museus às políticas de fomento. Com essas ações, houve uma multiplicidade de instituições museais em todo Brasil, assim como o aumento de prédios ligados ao campo museal no centro da cidade do Rio de Janeiro; como o Museu da Cidade, localizado na Gávea, e o Museu de Arte Moderna, localizado no Aterro do Flamengo o mais novo Museu Casa do Pontal no Recreio dos Bandeirantes.

Segundo Koshiba e Pereira (2003), com a transferência da capital do Brasil para a cidade de Brasília, em 1960, o antigo Estado da Guanabara herdou vários prédios com grande valor simbólico, como o Palácio das Águias, mais conhecido como Palácio do Catete, que foi transformado em Museu da República, lembrando

as várias ocupações de presidentes e acontecimentos históricos. Da mesma forma, o Museu Imperial em Petrópolis, os Museus Militares, o Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), o Museu de Belas Artes, o Teatro Municipal, a Fiocruz e seu Museu da Vida (Manguinhos), entre outras instituições passaram a ocupar estes prédios históricos, havendo um crescimento significativo de instituições museais, entre os séculos XX e XXI, como mostra a imagem do gráfico abaixo.



**Figura 5:** imagem do gráfico sobre o crescimento de museus do ano de 1900 até 2009.  
 Fonte: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010 disponível em:  
 <[https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/Museus\\_em\\_Numeros\\_Volume\\_2B.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/Museus_em_Numeros_Volume_2B.pdf)>.  
 Acessado em 02 de setembro de 2021.

Também surgiram museus e espaços culturais provenientes de projetos de Urbanização, muitos deles com propostas de “higienização”, como é o caso do Museu de Arte do Rio (MAR) e do Museu do Amanhã, este último inaugurado em 2015, um ano antes das Olimpíadas de 2016, grande evento de caráter mundial sediado no Rio de Janeiro.

O projeto arquitetônico que ficou conhecido como “Porto Maravilha”, teve como objetivo a revitalização da área portuária do Rio de Janeiro, para a qual

recebeu grande investimento de R\$350 milhões<sup>5</sup>, sendo uma de suas maiores transformações urbanísticas dos últimos anos na cidade.

O novo projeto, denominado como o Projeto Porto Maravilha, era estruturado pelos governos federal, estadual e municipal e coordenado pela prefeitura do Rio de Janeiro. A sua base era justificável nas duas competições mundiais de grande importância no âmbito esportivo: a Copa do Mundo FIFA em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016. (ALVES, 2018, P.50)

O prefeito da cidade na época (Eduardo Paes - PSD) fez questão de reafirmar o poder do patrimônio cultural da cidade, ao considerar neste projeto museus imponentes. Só o custo da construção do Museu do Amanhã foi de “R\$ 215 milhões, custeados pela venda dos CEPACs (Certificados de Potencial Adicional de Construção), ou seja, sem recursos do tesouro municipal.”<sup>6</sup> O Museu do Amanhã, localizado na Praça Mauá, fez parte do projeto que ainda conta com o patrocínio de “R\$65 milhões do Banco Santander.”<sup>7</sup> De caráter inovador, tanto em sua arquitetura, quanto em sua capacidade estrutural e de recursos tecnológicos, busca em suas exposições, propor a reflexão sobre os impactos do passado e do presente na construção do futuro, abordando temas como cidadania, meio ambiente e sustentabilidade. Com uma gestão mista, entre pública e privada, o Museu do Amanhã possui uma grande busca por visitação, encantando seus visitantes e convidando os transeuntes a entrarem e apreciarem sua vista para o mar.<sup>8</sup>

Também localizado na Praça Mauá, encontra-se o Museu de Arte do Rio, mais conhecido como MAR (2013), uma iniciativa da prefeitura do Rio de Janeiro com a Fundação Roberto Marinho, tendo a colaboração financeira sem reembolso do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), no valor de

---

<sup>5</sup> O investimento inicial gira em torno de R\$350 milhões para obras de reformulação urbanística, que previa uma série de melhorias para o entorno do porto, como investimentos em iluminação pública, recuperação de patrimônios culturais, pavimentação, calçamento, drenagem e plantio de árvores. Disponível

em <[https://cbic.org.br/en\\_US/porto-maravilha-projeto-promete-revitalizar-zona-portuaria-do-rio-de-janeiro/](https://cbic.org.br/en_US/porto-maravilha-projeto-promete-revitalizar-zona-portuaria-do-rio-de-janeiro/)>. Acessado em 23 de abril de 2021.

<sup>6</sup> Disponível em <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/tire-suas-duvidas>>. Acessado em 23 de abril de 2021.

<sup>7</sup> Disponível em <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/tire-suas-duvidas>> acessado em 23 de abril 2021.

<sup>8</sup> Disponível em <[https://museudeartedorio.org.br/wp-content/uploads/2019/08/contrato\\_bndes\\_-\\_2019\\_-\\_patrocinio.pdf](https://museudeartedorio.org.br/wp-content/uploads/2019/08/contrato_bndes_-_2019_-_patrocinio.pdf)>. Acessado em 23 de abril de 2021.

R\$ 2.498.267,50 referentes ao ano de 2018 e 2019.<sup>9</sup> Os dois prédios que abrigam o museu foram revitalizados, sendo o antigo terminal Rodoviário Mariano Procópio, por onde passavam várias linhas de ônibus, especialmente as que tinham como destino a região da Baixada Fluminense e o prédio que antigamente era o Palacete D. João VI. Segundo o site oficial do Museu de Arte do Rio (2021), sua missão é "promover gestão e produção cultural e artística de excelência, em diálogo com a educação, agregando valor público para a sociedade".<sup>10</sup>

Ambos os museus desenvolvem projetos com a comunidade local, em busca de promover uma melhor comunicação extramuros. O Museu do Amanhã tem o projeto "Vizinhos do Amanhã" que, além de dar o acesso gratuito para quem comprovar que é morador local, também convida a comunidade para participar de debates, encontros para dialogar sobre suas lembranças históricas e também sobre a trajetória do porto, local de desembarque de mais de um milhão de pessoas escravizadas trazidas do continente africano. O Museu ainda oferece aulas, seminários e ações culturais para a comunidade, pois de acordo com o site oficial do Museu do Amanhã (2021), "o Museu reconhece o valor dessa região e, sobretudo, sua população local e sua cultura popular e sofisticada, assim como sua criatividade e poder transformador"<sup>11</sup>. Já o Museu de Arte do Rio, promove o projeto "Escola do Olhar", de caráter formativo, voltado para educadores de escolas da região, tendo como objetivo construir uma reflexão sobre a importância da relação entre educação e arte. O museu também realiza cursos, como o de mediação para os moradores locais, oficinas e palestras.

O Museu da Marinha que foi inaugurado desde 1996, mas foi investido o novo espaço anunciado pela Marinha o Museu Marítimo do Brasil (MUMA), orçado entre R\$45 até R\$ 50 milhões, prevê rampa e mirante<sup>12</sup>, que foi planejado desde o período

---

<sup>9</sup>Disponível em [https://museudeartedorio.org.br/wp-content/uploads/2019/08/contrato\\_bndes\\_-\\_2019\\_-\\_patrocinio.pdf](https://museudeartedorio.org.br/wp-content/uploads/2019/08/contrato_bndes_-_2019_-_patrocinio.pdf) acessado em 23/04/2021.

<sup>10</sup> Museu do Amanhã - Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br>>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

<sup>11</sup> Museu do Amanhã - Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br>>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

<sup>12</sup> 'Band News. Marinha vai construir um Museu Marítimo na Zona Portuária, RJ: 11/04/2017. Disponível em: <<http://bandnewsfmrio.com.br/editorias-detahes/marinha-vai-construir-um-museu-maritimo-na-zo>> acessado em 21 de maio de 2021.

de 2017, em conjunto com o submarino, o navio Riachuelo e a Ilha Fiscal, assim como o Forte de Niterói e o Forte de Copacabana, que traz uma carga simbólica e que marca uma vista complementar ao conjunto patrimonial da Baía de Guanabara, tombado pela Unesco.

A indústria do turismo é um elemento que se destaca no estado, sendo entendido como um grande polo turístico brasileiro, cujas atividades promovem o crescimento da economia, a geração de empregos, o fortalecimento do comércio, e, no âmbito da cultura, a ampliação da salvaguarda patrimonial. Nessa questão, o governo do estado junto com a EMBRATUR (Agência Brasileira de Promoção do Turismo) vem aprimorando ações que facilitam a rede de comunicação entre os pontos turísticos, como: o site Riotur, TripAdvisor, Passeio Rio, entre outras agências. A Riotur é uma empresa municipal que trabalha na administração do setor turístico da cidade, ajudando a propagar empresas que giram em torno desta ação. De acordo com o site da Riotur (2021), esta “tem como finalidade a criação, execução e o acompanhamento das políticas de turismo da Cidade Maravilhosa”.<sup>13</sup> Apesar do período pandêmico que causou o fechamento da maioria das localidades turísticas, alguns parques, museus e comércios seguem abertos.

Todavia, a organização administrativa voltada para esses pontos turísticos, possui uma estrutura única e com várias ramificações específicas perante a cultura. Por exemplo, ao acessar o site tanto do Governo do Estado quanto do Município do Rio de Janeiro, percebe-se que existe um departamento único sobre o turismo, teatro, e outro só para museus, enfim, um leque de informações separadas por temas, através da qual podemos perceber a sua extensão cultural.

O acesso em todos os sentidos, é um fator determinante para a movimentação e crescimento dos museus, não é só uma questão numérica e nem de valor estrutural, é também, sobre a possibilidade de escolher e articular o poder cultural entre as pessoas de todas as regiões, porém, nem todos conseguem ter o acesso a essas instituições. Para os autores Cazelli, Koptcke e Lima (2007, p. 88), os fatores que dificultam a visita nos museus do Rio são: “a falta de divulgação, violência urbana, custos da visita e transporte”. Por outro lado, a possibilidade do

---

<sup>13</sup> Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro - RIOTUR. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/riotur>>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

público não frequentar museus, pode ser também, por não se sentir pertencentes à expressão cultural oferecida pela instituição. Esses fatores são cruciais quando se trata de amplificação e alcance cultural, infelizmente, ainda é muito difícil encontrar diálogos ou análises críticas perante esses fatores. Deste modo, a inclusão cultural depende não só da formação de um público consumidor, mas também de alargamento sobre pontos museais e redefinição dos valores socioculturais.

## 2.2 A descentralização do olhar cultural no Estado do RJ

Em 2018 a prefeitura do Rio de Janeiro realizou uma conferência junto com agentes culturais de diversas regiões da cidade, sobre o tema "Uma política cultural de Estado"<sup>14</sup>. O debate fala sobre a descentralização do financiamento de políticas públicas culturais, de modo a alcançar regiões menos favorecidas. Conforme o Vereador Reimont enfatizou, "a Cultura precisa dialogar com todas as regiões, não apenas com Zona Sul e Centro" (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2018). A discrepância no investimento entre o patrimônio cultural presente na capital do Rio de Janeiro e os presentes nas demais regiões é nítido. O que se expressa, inclusive em reconhecimentos patrimoniais como o concedido pela UNESCO, segundo o IPHAN (2021), "o Rio de Janeiro é a primeira área urbana, no mundo, a ter reconhecido o valor universal da sua paisagem, pela Unesco, em 2012, com o título de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural Urbana"<sup>15</sup>. Tudo isso acaba colocando a cidade do Rio de Janeiro como eixo central sobre a qual se organizam as políticas e investimentos patrimoniais no estado.

Entretanto, existe uma riqueza de expressões culturais que integram o patrimônio da cidade e regiões, com práticas e costumes que ainda não são devidamente valorados pelos órgãos públicos, como os expressos na comemoração do dia de São Jorge, o vendedor de ervas e plantas medicinais, o samba de sexta-feira no trem, etc. Neste caso, só evidencia o conjunto de fatores políticos,

---

<sup>14</sup> A cultura é um elemento de transformação inquestionável', diz a secretária Nilcemar Nogueira - Secretaria Municipal de Cultura - SMC. Disponível em:<<http://www.rio.rj.gov.br/web/smc/exibeconteudo?id=8022499>>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

<sup>15</sup> Patrimônio Material - RJ. Portal do IPHAN. Disponível em:<<http://portal.iphan.gov.br/rj/pagina/detalhes/642>>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

econômicos e sociais, que retratam não só a valorização do lugar, mas também, do pertencimento pluralizado. Ao abordar as questões ligadas ao sentimento de pertencimento ao patrimônio, objetos, lugares e manifestações singulares de um local, Llorenç Prats (2005) trabalha com dois tipos de processos de patrimonialização que são: o patrimônio localizado e o patrimônio local.

O patrimônio localizado se aplica a monumentos, objetos ou manifestações culturais que apresentam um sentido mais global; de pertencimento pluralizado, como o Cristo Redentor ou as pirâmides do Egito. Estes patrimônios, mesmo não fazendo parte da área do indivíduo, trazem uma sensação de pertencimento externo, como parte do patrimônio da humanidade, conforme categoria estabelecida pela UNESCO, em 1972. Já o patrimônio local se define por manifestações, monumentos e patrimônios no geral, que abarcam um sentido mais introspectivo. Ou seja, nem todo cidadão vai lhe atribuir o sentido de pertencimento para tal instituição, objeto ou elemento cultural dentro de sua própria cidade. O patrimônio local geralmente se refere àquelas localidades carentes de patrimônio que transcendam o interesse local.

Convém lembrar que as cidades periféricas, que completam o estado do Rio de Janeiro, têm sua parte cultural ampla e diversificada, com cidades que têm as suas especificidades e peculiaridades patrimoniais, provenientes de expressões culturais diversas, como: Niterói (região metropolitana), Petrópolis (região serrana) e Vassouras (região centro sul fluminense), como mostra a limitação das regiões na figura 6.

Em 2010, pelo Decreto nº 42.306 - 22/02/2010, o RJ implementou um Sistema Estadual de Museus (IBRAM 2011), para estreitar a rede de conexões entre os distritos museológicos, considerando a singularidade de cada instituição.



**Figura 6:** Mapa do estado do Rio de Janeiro, dividido entre suas regiões.

Fonte: Disponível em: < <http://www.ptt-radio.qsl.br/QuantosRJ2012.html/>>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

Por conta do crescimento de Museus nas décadas de 1980, 1990, e 2000, o Cadastro Nacional de Museus (CNM) foi essencial também para mapear as instituições, promovendo não só, colocar os Museus nas estatísticas, bem como, facilitar meios de acessos para a articulação, a comunicação e divulgação para instituições mais distantes da área central. Por isso, a Secretaria de Cultura do Município do Rio de Janeiro, em 2018, iniciou um alargamento da sua comunicação com as regiões que têm esse déficit de investimento, como a Baixada Fluminense. Contudo, desde meados de 2020, o projeto estacionou devido aos impactos do período pandêmico.



**Figura 7:** Mapa de Dispersão dos Museus no estado do Rio de Janeiro.

Fonte: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010 disponível em: <[https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/Museus\\_em\\_Numeros\\_Volume\\_2B.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/Museus_em_Numeros_Volume_2B.pdf)>. Acessado em 31 de agosto de 2021.

Conforme as reflexões apresentadas, é possível observar o surgimento e crescimento de museus ao mesmo tempo em que o foco das políticas públicas e de investimentos continuavam se concentrando na capital do estado. Entretanto, também é possível observar, que nas últimas décadas, houve um esforço público no sentido de descentralizar as ações culturais, redirecionando investimentos em museus para as cidades consideradas periféricas.

O bairro da Mangueira, além de abrigar a escola de samba, abriga também, desde 2001, o Museu do Samba. Criado pela família do famoso cantor e compositor brasileiro Cartola (1908 - 1980), antes era conhecido como Centro Cultural e passou por um processo de mudanças que o transformou em museu. Com acervos de diversas escolas de samba, arquivos de depoimentos de grandes figuras do samba e músicas que marcaram a cultura brasileira. No dia do samba, o museu promove roda de samba e a famosa feijoada da mangueira. Mesmo com a suspensão das

atividades no período pandêmico, a interação do público com o museu tem sido realizada de forma virtual, com oficinas e debates.

No Complexo da Maré, foi fundado, em 2006, o Museu Comunitário da Maré, em cerimônia de abertura que contou com a presença do então ex-ministro Gilberto Gil. O Museu trabalha com a memória local e conta principalmente com a participação dos moradores para debater, registrar e expor suas vivências por meio da realização de ações que visam colocar a comunidade no centro de suas questões. Por isso, a sua coleção é composta por objetos simbólicos dos próprios moradores, para integrar as exposições e demais atividades do museu.

Já o Morro da Providência, com o primeiro Museu aberto do Brasil, é um museu de percurso que promove visitas guiadas pelos próprios moradores. Entretanto, este museu sofre com muitos problemas estruturais devido a sua característica de ser um museu de percurso, estando muito suscetível, por conta de políticas públicas falhas. Desta maneira, fica evidente a falta de incentivos políticos para a sua manutenção.

Outro museu no local é o Museu Comunitário do Morro da Providência, que atualmente está em funcionamento de maneira virtual, disponibilizando suas informações através de um blog. Mesmo com todas as dificuldades, o museu comunitário se mobilizou para angariar fundos e distribuir alimentos para quem está passando por esse momento crítico pandêmico.

Estes são alguns exemplos dentre vários museus, que apresentam uma rica expressão patrimonial, formada através de suas singularidades regionais, mas que acabam ficando fora das preocupações culturais do poder público. Estes museus se mantêm em funcionamento, em grande medida, através do empenho da população em preservar e difundir seu patrimônio cultural, conservando desta maneira, sua própria identidade. Isso retoma o que Prats (2005) afirma, sobre o patrimônio local, uma vez que a existência destes, extrapola os interesses governamentais, já que não fazem parte da história oficial que o governo busca evidenciar.

Contudo, o processo de construção identitária é bem mais complexo quando o local não recebe a devida atenção dos poderes políticos e nem o investimento necessário para o desenvolvimento cultural, assim se estabelece a região da Baixada Fluminense.

### **3. A Baixada Fluminense e suas expressões culturais**

Neste capítulo serão abordadas as ações que deram início a trajetória de cada município localizado na região metropolitana do estado RJ, chamada Baixada Fluminense, enfatizando sua rica cultura e conhecendo um pouco das histórias e particularidades de diversos grupos em cada cidade desta região. Assim, podemos ter um melhor entendimento e trazer apontamentos que identificam as possibilidades e dificuldades de investimentos culturais.

#### **3.1 A Baixada Fluminense**

Recôncavo da Guanabara, Grande Iguassu foi uma das nomenclaturas da região de terras baixas, ao entorno da serra do Mar e da baía de Guanabara, definição do século XIX (SILVA, 2013, p.51).

Segundo BRITTO, QUINTSLR, PEREIRA, (2019) a expressão Baixada Fluminense (BF) está relacionada à configuração fisiográfica da região. Uma área plana, rebaixada em relação ao nível do mar ou quando comparada com seu entorno, atravessada por rios e canais meandrados e com extensas planícies de inundação. A construção histórica da região foi formada por um povo misto, que define a composição cultural de cada região. Todavia, a consolidação e a ocupação se intensificaram após a expulsão dos franceses e a doação desses lotes no que se denominou de sesmarias, mas a região só veio a se desenvolver a partir da exploração e mineração do ouro em Minas Gerais.

Após a expulsão dos franceses no século XVI, as áreas do Recôncavo da Guanabara desenvolveram-se através da doação de sesmarias, lotes extensos de terras concedidos pela Coroa portuguesa àqueles que deveriam ocupar esta parte da colônia e iniciar o processo de produção que atendessem às demandas da metrópole. Através dos rios que cortavam a região do Recôncavo da Guanabara – Meriti, Sarapuí, Iguazu, Inhomirim, Magé, Suruí, entre outros –, a ocupação portuguesa foi se implementando e dezenas de engenhos de açúcar, capelas e povoados foram surgindo. (AMARO. 2012).

A Baixada Fluminense que fica na Região Metropolitana do Estado do RJ é composta pelos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Itaguaí, Magé,

Nilópolis, São João de Meriti, Paracambi, Guapimirim, Belford Roxo, Queimados, Japeri, Seropédica e Mesquita. Sua população tem herança indígena da tribo Tupinambás e Jacutingas, mais tarde a região foi habitada por escravizados, nordestinos, asiáticos e portugueses, que migraram principalmente nos anos 1970 (Tribunal de Contas do estado do Rio de Janeiro. 2011. p. 06). No século XIX, houve um nítido crescimento após a chegada das linhas férreas. E logo depois, no século XX, no período da Segunda Guerra mundial, com a imigração de italianos, alemães e libaneses.

A Baixada é a segunda região mais populosa do Estado, perdendo para a capital, pois segundo o IBGE estima de 823. 302 pessoas no ano de 2020.

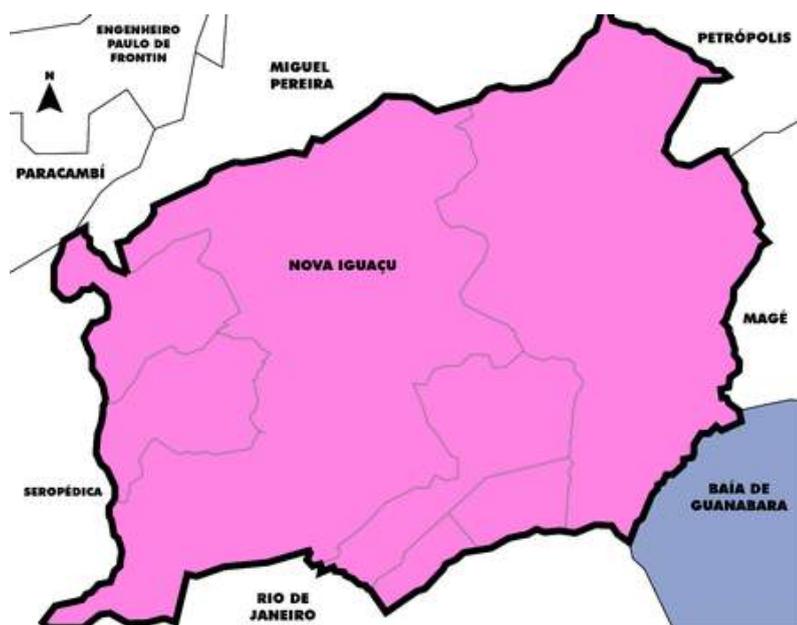


**Figura 8:** Região da Baixada Fluminense.

Fonte:<http://ivanmachadoarte-educacao.blogspot.com/2012/04/lancamento-do-movimento-sou-da-bf.html>

A maioria desses municípios é derivado de Nova Iguaçu, que se dividiam em distritos. A Vila Iguassú, como era denominada em 1822, teve sua sede fixada às margens do rio Iguassú de onde derivou seu nome. Suas terras habitadas pela tribo dos Tupinambás, e mais tarde, no século XVIII, teve a ocupação de fazendas cafeeiras e de produção de açúcar<sup>16</sup>.

<sup>16</sup>Disponível em ><http://www.novaiguacu.rj.gov.br/cidade/>> acessado em 09 de março de 2021.

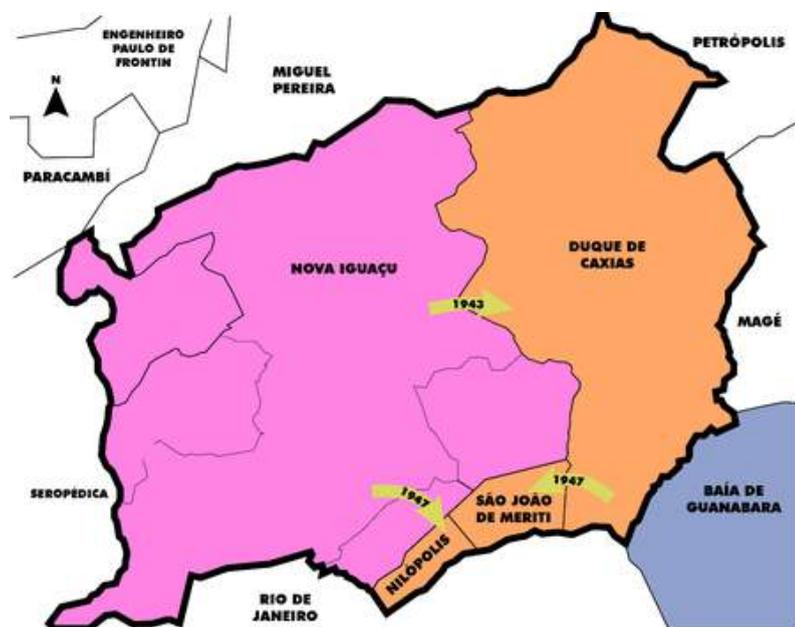


**Figura 9:** Mapa da Região de Nova Iguaçu.  
Fonte: Jornal Extra.

Com a dinamização da economia dessa região, a Vila Iguaçu obteve a sua primeira estrada de ferro Mauá no segundo reinado, que chegava até à Estação da Imperatriz Leopoldina, no RJ, hoje desativada. Por conta da longa estrada de ferro, o local também ficou conhecido por Arraial de Maxambomba, com a intensificação das linhas ferroviárias, para outros locais da região fluminense, ocasionou no fim dos portos fluviais. (SILVA, 2012, p. 84 - 87).

Em 1916, a economia local cresceu e Maxambomba tornou-se município com o nome de Nova Iguaçu, as fazendas de café e de cana-de-açúcar deram lugar para as plantações de laranja, que perfumavam a área sendo apelidado de “cidade perfume”, as laranjas costumavam ser a sua principal fonte de renda no século XX. (SILVA, 2012, p. 87). Durante Segunda Guerra Mundial muitos habitantes da região de Guanabara tiveram que se alistar formando os “pracinhas da Baixada”, nesse período houve também uma grande modificação geográfica, e a economia teve uma queda bem significativa, resultando na falência do rendimento da produção das laranjas, sucedendo na separação dos municípios começando com Duque de Caxias (1943), Nilópolis (1947), São João de Meriti (1947).<sup>17</sup>

<sup>17</sup>Disponível em <<http://www.novaiguacu.rj.gov.br/cidade/>> acessado em 09 de março de 2021.



**Figura 10:** A emancipação dos primeiros municípios.  
Fonte: Jornal Extra.

Durante as décadas de 1940 e 1950 a construção da Avenida Brasil (BR 101), e a reforma da Av. Presidente Dutra foi o ponto fundamental para os acessos ao centro metropolitano e para São Paulo. Além disso, algumas fábricas se instalaram durante essa época ao lado das estradas, ajudando no desenvolvimento econômico dos mais novos municípios. O antigo Recôncavo da Guanabara só foi designado de Baixa Fluminense, na década 1970, durante o Regime Militar (Pieve. 2019). Nos anos de 1990, houve a separação de mais 4 municípios que formaram Belford Roxo (1990), Queimados (1990), Japeri (1991) e Mesquita (1999) como mostra a figura 11.

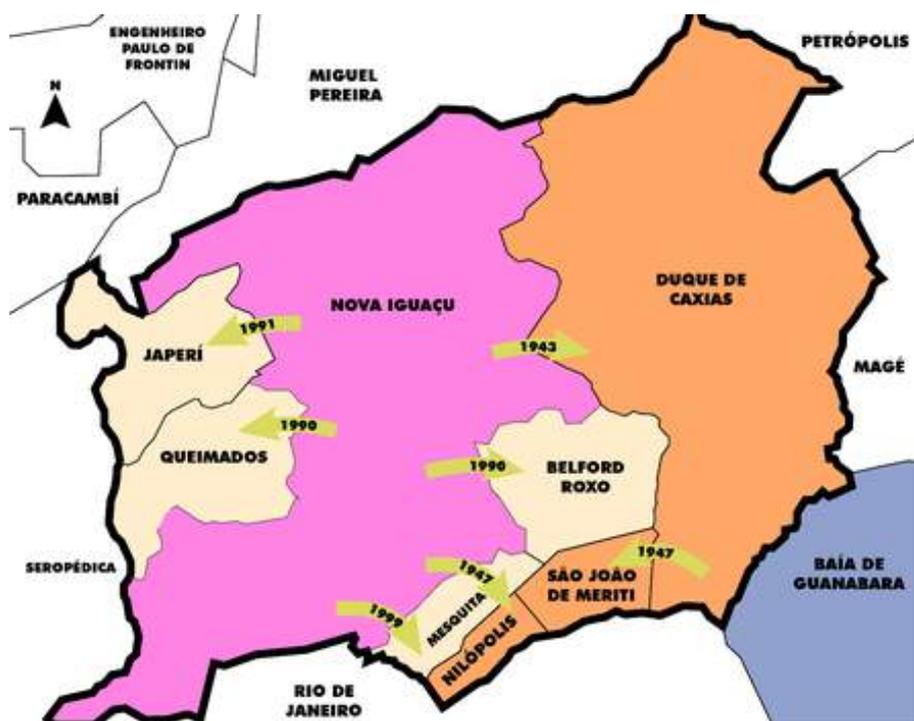


Figura 11: Emancipação dos últimos municípios  
Fonte: Jornal Extra.

Em relação aos aspectos culturais e a situação dos museus, tema que nos ocupa, vamos traçar um percurso pelas cidades da região, elencando as principais manifestações culturais e patrimoniais dos municípios aqui apresentados.

### 3.2 Os municípios e suas expressões culturais

Abordaremos aqui os 13 municípios que compõem a Baixada Fluminense, percorrendo a construção histórica de cada lugar, a diversidade de habitantes, as atividades desenvolvidas ao longo da história das regiões, a dinamicidade e trajetórias que o território comporta, que vai muito além dos paradigmas de violência e sofrimento. Vamos elencar também, os vários pontos culturais que nos levam a repensarmos a maneira pela qual olhamos o lugar, as identidades e eventos culturais promovidos por iniciativas locais.

#### 3.2.1. Nova Iguaçu

Iniciaremos esta trajetória com a cidade considerada a geradora da maioria dos municípios da Baixada Fluminense. Nova Iguaçu é uma das cidades mais antigas desta região, abrigando várias ocupações populacionais e garantindo

crescimento econômico ao longo dos anos. Atualmente o município de Nova Iguaçu, segundo o IBGE, é a cidade com maior extensão territorial da Baixada, tendo uma expressiva atividade econômica, por conta da movimentação comercial e do crescimento empresarial. Sua população de 2021 é de 825.388 pessoas segundo o IBGE.

Nova Iguaçu possui vários movimentos culturais, artísticos e centros de interesses. A movimentação cultural que compõem a identidade desta localidade são as famosas “Festa de Folias de Reis, Festa da Banana de Jaceruba (Jaceruba é um bairro de Nova Iguaçu), a Festa do Aipim, a Festa de Santo Antônio e a Festa Cigana” (ANGELO, SILVA, 2013, p.2). Esses movimentos marcam a identificação e a tradição simbólicas que exaltam as crenças e valores do lugar.

Os centros de interesses que abrigam a cidade são o antigo Cemitério de Nossa Senhora do Rosário; Porto do Iguaçu; Estrada Real do Comércio do século XIX, tombado pelo patrimônio; a antiga Ferrovia Rio D’Ouro, as Estações de trem de Vila de Cava; o Reservatório de Rio D’Ouro, tombado pelo INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural), e o Reservatório e Adutoras de Jaceruba e Tinguá, que estão em fase de tombamento como patrimônio histórico-cultural municipal; também, possui a primeira praça de Skate da América Latina.

Os prédios e instituições antigas se misturam aos novos, mas sem deixar despercebido ao ambiente urbano como a Casa da Cruz Vermelha, localizada no coração da cidade, ainda considerado um dos melhores cursos de enfermagem da região. Os casarões como Casa de Cultura e a de São Bernardino, sendo a última em ruínas por conta da negligência governamental, são a representação de um passado bem próspero economicamente. As Instituições religiosas que marcam o crescimento da região, geralmente, são as igrejas e capelas distribuídas em vários pontos da cidade, como a Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, Igreja de Santo Antônio da Prata, Igreja de Nossa Senhora do Marapicu, Capela Nossa Senhora de Guadalupe, Capela do Engenho da Posse, e a Torre Sineira da Igreja de Nossa Senhora de Piedade, fazem parte do conjunto histórico no decorrer do processo de construção de Nova Iguaçu.

A parte ecológica do território, leva a característica demográfica ambiental singular como a Serra do Vulcão, Serra do Tinguá, Reserva Biológica Federal do Tinguá, reconhecida pela Unesco como patrimônio da humanidade, Serra de Madureira, considerada pela Unesco como Reserva de Biosfera e o Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu, na divisa com o município de Mesquita, que ocupa uma área de 1.100 hectares (CORDEIRO, GOMES, SANTOS, 2020).

Com o rico patrimônio histórico-cultural, há de ser esperado instituições museais que expressam a farta trajetória do lugar, contudo, este olhar museal só foi estabelecido bem tardiamente, e os lugares que são considerados museus pela população local são as ruínas do Casarão dos Escravos (Casarão São Bernardino), e o Museu De Etnologia Ode Gbomi que também é um terreiro de religião Umbandista. O Casarão do século XIX foi por muito tempo negligenciado, tanto pelo governo estadual, quanto pelo governo municipal, mesmo tombado em 1951, o local foi pouco cuidado, acarretando num incêndio na década de 1980, e desde então só sobraram as suas ruínas. Segundo o prefeito Rogério Lisboa, "anunciou a liberação de R\$1,5 milhão para as obras de revitalização da Fazenda São Bernardino e do sítio histórico de Iguassú Velha".

Nova Iguaçu é uma cidade que nasceu entre conflitos de interesses territorial e econômico, hoje é marcada pela rica expressão comercial, populacional e principalmente cultural que a cada dia vem crescendo e aflorando.



**Figura 12:** Nova Iguaçu

Fonte: Alziro Xavier - <http://www.novaiguacu.rj.gov.br/>



**Figura 13:** Fazenda São Bernardino.

Fonte: Site da prefeitura de Nova Iguaçu. Disponível em <http://www.novaiguacu.rj.gov.br/2017/12/22/fazenda-sao-bernardino-pertence-a-nova-iguacu/> Acesso em 11 de outubro de 2021.

### 3.2.2 Duque de Caxias

Duque de Caxias mostrou um crescimento econômico bem considerável após a sua emancipação, ela possui uma rede de indústrias e um comércio bem dinâmico. O município tem uma das maiores refinarias do Brasil. Assim como Nova

Iguaçu, Duque de Caxias é uma cidade que possui uma vasta e complexa diversidade cultural.

O movimento Cultural que abrange a cidade são: o Carnaval de Duque de caxias, sendo bem destacado, a escola de samba Acadêmicos do Grande Rio, que faz parte do conjunto da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, onde participa dos desfiles no Sambódromo (BEZERRA, 2018, p. 56). Há também, vários blocos de carnaval como: Bloco do China, Esperança de Nova Campina, Flor da Primavera, Império do Gramacho, Simpatia do Jardim Primavera, entre outros.

O aterro sanitário do bairro Jardim de Gramacho, foi o cenário para dois documentários, o Estamira (2004) e Lixo extraordinário (2009), que narram a vida dos trabalhadores que cantam e reciclam os objetos vindo do lixo, os documentários receberam prêmios e o reconhecimento internacional. (MORAES, 2014, p.19).



**Figura 14:** O aterro sanitário do bairro Jardim de Gramacho.

Fonte: Diário do Rio.com. Disponível em

<<https://diariodorio.com/jardim-gramacho-a-bangladesh-que-se-esconde-no-rio-de-janeiro/>>Acessado em 11 de outubro de 2021.

Em relação às instituições culturais temos: o Centro Cultural Oscar Niemeyer que contém uma biblioteca Pública Leonel de Moura Brizola e um teatro Municipal Raul Cortez, a Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro, fundada em 1957 pelo trombonista Acácio de Araújo. reconhecida pelo Ministério da Cultura em 2006. Possui ainda o Teatro Armando Melo (1967), o Teatro Procópio Ferreira (1975), quatro bibliotecas contando com a citada “Leonel de Moura Brizola” e o Instituto Histórico e Geográfico (1980), que permite pesquisar e conhecer melhor a história de Duque de Caxias. A Câmara Municipal forneceu um espaço no terceiro andar do prédio para abrigar o Instituto, hoje ele tem um rico acervo que vai desde arte Sacra, objetos do grupo de Caça, esquadrão aéreo da FEB, peças pessoais do Joãozinho da Goméia e dos integrantes da família, etc.

Os bens materiais que são considerados patrimônios da cidade são: a Igreja de Nossa Senhora do Pilar (1720). Também temos o terreiro da Goméia, fundado pelo babalorixá Joãozinho da Goméia (João Alves Torres Filho), seu terreiro ganhou fama entre a década de 1950, tendo a visita de várias pessoas conhecidas como Juscelino Kubitschek e Dorival Caymmi, hoje o terreno pertence à prefeitura de Duque de Caxias. Em julho de 2020 o prefeito Washington Reis (MDB), tinha anunciado que transformaria o terreno que já estava em processo de tombamento e estudo arqueológicos, numa creche. Graças ao empenho da comunidade local e das mídias, em julho do mesmo ano, o terreiro ganhou a devida proteção patrimonial por ter representações históricas e simbólicas para a região.

Com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, o Museu Vivo de São Bento, que fica no bairro de São Bento, é um ecomuseu de percurso que foi inaugurado no dia 03 de novembro de 2008, pela reivindicação dos profissionais da educação e da população caxiense. O percurso passa pela “Casa do administrador”, primeiro ponto de visitação do roteiro, depois pelo engenho de São Bento, em seguida pela “Tulha Principal”, local de armazenamento da fazenda, depois, segue para a antiga farmácia de Manipulação de Quinina, usada no combate às endemias que assolavam a região no século XX. Ainda no percurso temos a unidade de telegrafia, sede administrativa do Museu Vivo de São Bento, Casa do

Colono, Esporte Clube de São Bento, Sítio Arqueológico Sambaqui do São Bento, Moto Clube “Veneno da Cobra”. Ainda destaca-se a ocupação Novo de São Bento “construída nos anos 1980 por lideranças femininas do movimento popular, que implantou moradias populares no logradouro hoje conhecido como Novo São Bento”, que permite observar as margens do Rio Iguaçu, também os Morros da Marinha e do Céu, que se localiza aos fundos da Sede Administrativa do Museu Vivo e por último o Centro Pan-Americano de Febre Aftosa “o instituto foi criado em 1951, a partir de um acordo bilateral assinado entre o governo brasileiro e a OEA (Organização dos Estados Americanos). Atualmente encontra-se sob a gestão da Organização das Nações Unidas, a ONU”. O Museu possui projetos que são: cursos de extensão, capoeira, curso de artesanato, grupo de leitura e o programa Jovens Agentes de Patrimônio que reúne jovens entre 12 e 18 anos toda a semana.

A cidade possui mais três museus, sendo o Museu Ciência e Vida, o Museu Histórico de Duque de Caxias e o Museu de Política Memorial de Caxias. O Museu de Política Memorial de Caxias, localizado na Avenida Governador Leonel de Moura Brizola, está no Cadastro Nacional de Museus, mas sem muita informação.

Já o Museu Ciência e Vida criado em 2010, fica no centro do município, possui aproximadamente 5.000m<sup>2</sup>, ele fornece planetário, auditório e salas para oficinas, exposições fixas e temporárias. Sua missão é ampliar e difundir a cultura junto com a arte e ciências, estimulando diferentes sensações e experiências aos visitantes. “O Museu é uma realização da Fundação Cecierj (Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro), em parceria com a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro e apoio da Faperj”.

O Museu Histórico de Duque de Caxias e da Taquara (1972), é um museu histórico e arqueológico, que está localizado no antigo casarão da Fazenda São Paulo, onde era a moradia do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, patrono da cidade e do Exército. A exposição conta um pouco da história de Duque de Caxias, com acervos arqueológicos da cidade, também existem objetos pessoais do Marechal como armas e utensílios domésticos da família.

Caxias é um lugar com grande movimentação cultural, que se amplifica cada

vez mais. Assim promovendo o conhecimento cultural, tendendo para o crescimento de instituições culturais e museus.



**Figura 15:** Museu de Ciências.  
Fonte: <https://www.cecierj.edu.br>

### 3.2.3. Magé e Guapimirim

Localizadas entre Duque de Caxias e Petrópolis, Magé e Guapimirim, foram territórios dos povos Tapuias e depois dos Tupis dos Tupinambás.

A cidade de Magé, foi uma vila fundada por colonos portugueses, no século XVII, mas só foi efetivada como cidade em 1857. O município possui um dos principais portos da região, onde serviu de tráfego para comércio de escravizados, vindos da África.<sup>18</sup> De muitos Quilombos que existem ou existiram na Baixada Fluminense, Magé tem o único Quilombo reconhecido pelo antigo Ministério da Cultura (Secretaria de Cultura). Apesar do reconhecimento, o Quilombo Maria Conga nome em homenagem a uma escrava guerreira, não obtém o devido apoio do Estado, até para as suas necessidades básicas como água corrente e saneamento. Infelizmente, a cultura afro-brasileira, ainda é muito marginalizada, que causa automaticamente, a invisibilidade patrimonial de uma determinada sociedade, como Fernandes e Barbosa ressaltam que “na Baixada Fluminense (...), identificam-se diferentes expressões da cultura afro-brasileira esquecidas e

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://mage.rj.gov.br/historia/>> acessado 02 de março de 2021.

invisibilizadas nos estudos sobre patrimônio e políticas públicas em geral” (FERNANDES, BARBOSA, 2016, p.01).



**Figura 16:** Quilombo Maria Conga - Magé.

Fonte: <https://extra.globo.com/noticias/rio/unico-quilombo-reconhecido-na-baixada-luta-para-sair-do-esquecimento-3274861.html>. Acessado em 13 de outubro de 2021.

Magé possui o Festival de MPB de Magé e o Festival da Poesia Falada, apoiados pela UCPM (Unidos Pela Cultura de Magé). No município existem quatro instituições museais, sendo três registradas no Cadastro Nacional de Museus, que são: Museu de Armas e Brasões, Museu Cultural do Rádio, Museu Casa da FEB, e o único que não está no registro é o Museu MAMY - Mariangela Yanase localizado no bairro da Cachoeira Grande.

Guapimirim em Tupi significa rio nascente pequeno dos aguapés, a cidade pertencia a Magé até a sua emancipação em 1990 (ROCHA, 2011. p.7). Por ser próxima a região serrana, “atualmente explora atividades do turismo ecológico e cultural, que muitas vezes são associadas à região serrana” (ROCHA, 2011. p.8).

No século XIX, foi construída a estrada de ferro que a liga à cidade de Teresópolis, desativada nos anos 1958 (ALMEIDA, 2018 .p.25). Essa estrada de ferro costumava transportar principalmente a família real para a serra de Teresópolis e Petrópolis, todavia, em 1957 foi construída a rodovia BR-116, que

disponibilizou o fácil acesso à região Serrana, ocasionando na ocupação populacional. Hoje, a estação férrea faz parte da rota turística da cidade, Junto com a vista do pico Dedo de Deus e o Parque Nacional na Serra dos Órgãos, neste parque existem o Centro de Visitantes Museu Von Martius, um antigo casarão do século XIX que pertenceu ao Botânico Von Martius, e a Capela de Nossa Senhora da Conceição construído em 1713.



**Figura 17:** Museu Von Martius - Guapimirim.  
Fonte: <https://visiteguapimirim.com.br/museu-von-martius/>

As cidades da Baixada Fluminense serviram de rotas do transporte de ouro, e as cidades de Magé e Guapimirim ainda possuem resíduos desse tempo que se chama “Caminho do Ouro”, a trilha que foi construída no século XVIII pelos escravos, ligava o Rio de Janeiro até Minas Gerais. Hoje ela faz parte da programação turística da cidade de Magé, assim como a sede da prefeitura o Palácio Anchieta (1949), a Capela de Nosso Senhor do Bonfim e Mirindiba (1883) e a Estação Ferroviária do século XIX que ligava Guia de Pacobaíba a Vila Inhomirim que pertencia a Nova Iguaçu, e depois veio a expandir até Petrópolis.

#### **3.2.4. Itaguaí**

Itaguaí é uma cidade que “nasceu de uma aldeia de indígenas fundada por Mem de Sá inicialmente em uma localidade chamada Itinga” (OLIVEIRA, 2015.

p.26), segundo o autor, anos mais tarde, o local foi chamado de São Francisco Xavier de Itaguaí, devido a construção de uma capela com o mesmo nome, só em 1820 sendo denominado de Itaguaí.

Parte do seu desenvolvimento econômico, é voltada para área da agronomia, assim como a parte cultural da cidade. O Turismo é um elemento importante, como a feira agroindustrial (Expo de Itaguaí) e o ecoturismo. De acordo com o site da prefeitura, mais específico, a coordenadoria do turismo da região, a cada ano, o ecoturismo da cidade vem crescendo e levando o aumento de visitantes principalmente no verão, por causa de suas cachoeiras e trilhas que também já virou hábito, principalmente da população de fora da cidade, se arriscando a caminhar na linda estrada do trem cargueiro que corta a cidade (Prefeitura de Itaguaí).<sup>19</sup>

O carnaval em Itaguaí, sempre foi bem dinâmico. No ano de 2015, sendo apadrinhado pela escola de Samba da Acadêmicos de Santa Cruz, criou-se a escola de samba Acadêmicos de Itaguaí<sup>20</sup>.

No cadastro de museus<sup>21</sup>, está registrado que existe apenas um Centro de Memória de Itaguaí, com um acervo composto por fotografias e imagens de pinturas desde seu tempo de aldeia no século XVI até a contemporaneidade. De acordo com o site da prefeitura, Itaguaí completou mais de duzentos anos em 2020.

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.itaguai.rj.gov.br/turismo.php>> acessado em 03 de abril de 2021.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.itaguai.rj.gov.br/turismo.php>> acessado em 03 de abril de 2021.

<sup>21</sup> Disponível em<<http://museus.cultura.gov.br/>> acessado em 03 abril de 2021.



**Figura 18:** Sala de exposição do Centro de Memória de Itaguaí.

Fonte: <https://itaguaei.rj.gov.br/2010-centro-de-memoria-reabre-com-exposicao-da-rica-historia-de-itaguaei.html>.

### 3.2.5. Seropédica, Paracambi, Japeri e Queimados

O nome Seropédica vem da fazenda “Seropédica do Bananal”, onde produziam casulos de bicho-da-seda. Depois de sua emancipação em 1995, veio a transformação econômica e obras de infraestrutura. Hoje a cidade compõe grandes indústrias como a Usina Termoelétrica Barbosa Lima Sobrinho, a alimentícia Panco e a Ambev. Os aspectos culturais que entram em destaque neste local são: o Parque de Pesquisa da Embrapa, a Casa da Cultura de Seropédica, a ONG Latinha Social e a Floresta Nacional Mário Xavier. Existe também um Centro de Arte e Cultura e os Centros de Arte e de Memória da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Os museus que abrigam a cidade são o Museu de Zoologia, localizado no campus da UFRRJ, o Museu do Solo, no Cadastro Nacional de Museus está registrado o Jardim Botânico da mesma Universidade.

Paracambi - mata verde do grande rio, em Tupi – foi abrigo dos Jesuítas que se fixaram durante o período colonial. Hoje, o município possui o parque ecológico (Parque do Curió) e várias instituições que contam um pouco da trajetória da cidade, entre elas estão: a antiga Cia. Têxtil Brasil Industrial (1871), S/A Fábrica de Tecidos Maria Cândida (1924), a Siderúrgica Lanari S/A Indústria e Comércio (1952). Na antiga Cia. Têxtil Brasil Industrial foi realizada a construção da “Fábrica do Conhecimento”, apesar do prédio de quatro mil metros quadrados

de extensão além dos anexos, ocupa só o espaço de quatro andares do prédio. Esse projeto fornece à Companhia Municipal de Ballet, o Espaço Cinema e Arte e o núcleo da Escola de Música Villa-Lobos, além do Espaço da Ciência e de uma brinquedoteca. O prédio abriga também as secretarias municipais de Cultura e de Meio Ambiente. A CECIERJ (Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro) e os representantes da prefeitura, promoveram um projeto chamado Espaço da Ciência, que é um “espaço, misto de museu e centro de ciências, planejado e instalado através de exposições e equipamentos interativos que são oferecidos aos visitantes”.



**Figura 19:** Antiga Cia. Têxtil Brasil Industrial.  
fonte: <https://diariodorio.com/>

Na cidade ao lado de Paracambi, ficam localizadas as cidades de Japeri e Queimados. Japeri vem do termo Yaperi, planta semelhante ao junco, que flutuava nos pântanos da região, mas antes ela era conhecida com o nome Belém (Prefeitura de Japeri),<sup>22</sup> a dinâmica cultural do município está em torno da linha ferroviária, introduzidas no cotidiano do trabalhador Fluminense, porém, no ramal Japeri, é raiz da reinvenção da monotonia urbana, como o evento do vagão do samba, e os vendedores ambulantes que fazem seu bordão para as suas vendas diárias.

A linha férrea tem a função de ligar duas espacialidades distintas. O trem que avança, revelando o subúrbio, é o meio que nos apresenta o povo e sua cultura, que foram deslocados da área 13 central da cidade, reorganizando-se e resistindo em áreas mais afastadas. (LIMA, 2010, p.248).

---

<sup>22</sup> Disponível em <<http://www.japeri.rj.gov.br>> acessado em 10 de maio de 2021.

A estação ferroviária de Japeri é histórica. Foi o primeiro trecho que segue até a estação Central do Brasil, construída com o material importado da Inglaterra. A estação de Japeri é tombada pelo IPHAN e é enfatizada pela Casa do Patrimônio Ferroviário do Rio de Janeiro, o antigo Museu do Trem no Engenho de Dentro.



**Figura 20:** Antiga Estação de Japeri.  
Fonte: <http://mapadecultura.com.br/municipio/japeri/>

Japeri tem um projeto musical Castelo Forte que tem mais de 300 alunos de várias idades; sala popular de cinema; Centro Cultural Deputado Luiz Eduardo Maron de Magalhães; um Clube de Golfe; a Companhia Teatral Grupo Código; uma Mostra de Arte Cênica, chamado Baixada Encena com o apoio do CETA (Centro Experimental de teatro e Artes), o evento conta com a participação de representantes de mais oito cidades da Baixada: São João de Meriti, Nilópolis, Queimados, Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Mesquita e Itaguaí; possui ainda, uma Biblioteca Pública Municipal Carlos de Souza; banda da Escola Municipal Ary Schiavo, batizada de Corporação Musical Professor Amaury Comupa e a praça Olavo Bilac no bairro de Engenheiro Pedreira, onde reúne atividades culturais sem atrações fixas como: exposições de teatros, filmes, capoeira entre outros<sup>23</sup>. Outros aspectos turísticos-patrimoniais referem-se ao turismo verde da Baixada, que abriga voos livres no Pico da Coragem.

O Município de Queimados provém de duas histórias: um referente a uma

---

<sup>23</sup> Disponível em <<http://mapadecultura.com.br/municipio/japeri/>>. Acessado em 13 de março de 2021.

possível prática, na qual “os chineses tinham por costume queimar os seus mortos”. Devido ao surto de cólera nas várias cidades da Baixada Fluminense que atingiu a maior parte da população escravizados e imigrantes, nessa época, os chineses e os africanos estavam trabalhando na construção da malha ferroviária. Perante a isso, este costume criou entre os populares, que tinham que passar pelo local onde os corpos haviam sido queimados, a seguinte forma de indicar o caminho: "vou pela estrada dos queimados", o que acabou por nomear o local.<sup>24</sup> Havia outra história, de que o nome da cidade se deu por conta da visita da família imperial para estrear a estação do trem em 1858. O local possuía uma vegetação muito intensa, então decidiram queimar a região, fazendo com que a cidade ficasse conhecida como a cidade de Queimados.

Sobre o turismo, até os anos 2000, no centro da cidade, tinha o famoso passeio de charrete, porém, as charretes foram proibidas porque, além de sujar as ruas com estrumes, também foi promulgada pela “lei nº 9.503, de 23 de Art. 102-A, que fica proibido o uso para qualquer fim de veículo de tração animal.”<sup>25</sup> O município conta com o Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Roda Quem Pode<sup>26</sup>, uma exposição de fotos de sua cidade, fornecido pela própria página da prefeitura<sup>27</sup>, e uma galeria que é o Espaço Cultural Antônio Fraga que está no Cadastro Nacional dos Museus.

---

<sup>24</sup> Disponível em <<https://www.queimados.rj.gov.br/>>. Acessado em 13 de abril de 2021.

<sup>25</sup> Disponível em <[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=8D01A096B3B4B1D607B2A0CDD613C111.proposicoesWebExterno2?codteor=1529104&filename=Tramitacao-PL+7022/2017](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=8D01A096B3B4B1D607B2A0CDD613C111.proposicoesWebExterno2?codteor=1529104&filename=Tramitacao-PL+7022/2017)>. acessado em 15 de abril de 2021.

<sup>26</sup> Disponível em <[queimados.rj.leg.br/leis/legislacao-municipal/copy\\_of\\_leis-ordinarias/leis-2003/lei-601-03-auxilio-financeiro-gremio-recreativo-bloco-carnavalesco-roda-quem-pode.pdf/view](https://www.queimados.rj.leg.br/leis/legislacao-municipal/copy_of_leis-ordinarias/leis-2003/lei-601-03-auxilio-financeiro-gremio-recreativo-bloco-carnavalesco-roda-quem-pode.pdf/view)>. acessado em 13/04/2021.

<sup>27</sup> Disponível em <<https://www.queimados.rj.gov.br/>> acessado em 15 de abril de 2021.



**Figura 21:** Galeria Espaço Cultural Antônio Fraga.

Fonte: <https://www.encontrariodejaneiro.com.br/queimados/empresas/espaco-cultural-antonio-fraga/>

### **3.2.6. São João de Meriti, Belford Roxo, Nilópolis e *Mesquita***

As terras de São João de Meriti junto com as cidades de Belford Roxo, Nilópolis e Mesquita, são cortadas pelos rios Sarapuí, Meriti e Pavuna (SEMADS, 2001, p.12). Meriti, que significa pé de buriti (meriti yba), vem da língua antiga do Tupi. Entre o século XIX e começo do XX, seu nome ficou conhecido como Freguesia de Meriti, só anos mais tarde veio a se tornar a oficial São João de Meriti.<sup>28</sup> Dentre as manifestações culturais do município podemos mencionar: os blocos de carnavais Unidos da Ponte, a Matriz de São João de Meriti, formada por integrantes do antigo Bloco das Piranhas do município<sup>29</sup> e a Independente de São João de Meriti, criada a partir da fusão da Independente da Praça da Bandeira com a Unidos do Coqueiro. A tradicional festa de São João Batista é feita pela Igreja da Matriz que se localiza na Praça da Matriz, e conta com diversas apresentações de bandas e quadrilhas. São João abriga a maior festa junina da região.

---

<sup>28</sup> Disponível em <<https://meriti.rj.gov.br/home/a-cidade/>> acessado em 16 abril de /2021.

<sup>29</sup> Disponível

em <<http://www.sosamba.com.br/carnaval/rj/noticias/sao-joao-de-meriti-tem-nova-agremiacao>> acessado em 16 de abril de 2021.



**Figura 22:** Igreja da Matriz de São João.  
fonte: <https://extra.globo.com>

O município também realizava, na semana do aniversário, o Rodeio de Meriti, com shows e parque de diversões, porém, o evento não acontece desde 2014 por problemas de localidade. No bairro de Coelho da Rocha encontra-se a Casa de Candomblé Ilê Axé Opô Afonjá, (Casa da Força sustentada por Xangô)<sup>30</sup>. A casa é considerada o mais tradicional centro cultural de religiões Afro-brasileira, foi fundada em 1896 e hoje é tombada pelo INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural). O Centro Cultural do IPAHB (Instituto de Pesquisa e Análises Históricas da Baixada Fluminense), foi desenvolvido para ser acessível em pesquisas sobre a história da Baixada Fluminense. Desde 1997, o IPAHB busca facilitar a pesquisa principalmente para estudantes da rede pública, mas, seu público veio a se tornar cada vez mais diversificado, diante do rico acervo sobre a história da Baixada, “a proposta é uma democratização das informações através das bibliotecas, apostilas, produção de eventos, livros e cursos.”<sup>31</sup> O Instituto recebeu o grande

---

<sup>30</sup> Disponível em <<http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/acervo/detalhar/30/0>> acessado em 17 de abril de 2021.

<sup>31</sup> Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/guia/ipahb-instituto-de-pesquisa-e-analises-historicas-da-baixada-fluminense>>. Acessado em 17 de abril de 2021.

reconhecimento pelo prêmio “Cultura nota 10” em 2005.

A cidade também chegou a promover o Projeto Rolé Meriti, com o incentivo da Secretaria de Educação, que tem o objetivo de orientar e conhecer a trajetória do lugar através dos monumentos históricos, buscando também conciliar a visita e o ensino das escolas da cidade, focando seu público-alvo em estudantes do ensino fundamental e médio.

São João de Meriti abrigou vários personagens conhecidos da história, como o marinheiro gaúcho João Cândido Felisberto conhecido como Almirante Negro, que teve a sua grande liderança na Revolta da Chibata - 1910 (SOUSA, 2012, p.67). A homenagem veio através da construção de um museu na cidade, o Museu Marinheiro João Cândido, com investimento de 2 milhões. O objetivo do museu é enfatizar seu feito histórico e sua coragem para melhorar as condições de trabalho e acabar com os castigos tortuosos, segundo o IBRAM “a iniciativa do projeto é da prefeitura municipal, que conta com o apoio do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e da Fundação Palmares, ambos do Ministério da Cultura.”<sup>32</sup> O projeto inicial era para abrigar o museu na casa do português, onde possui um espaço significativo, ainda em processo de construção, no momento o museu está sendo fixado na casa onde foi a do João Cândido.

Em abril de 2021, o filho de 82 anos do Almirante Negro, pediu a ALERJ (Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro) uma placa homenageando o pai, a placa foi inaugurada no dia 09 de abril de 2021, que reconhece como herói estadual o marinheiro João Cândido. O município possui mais um museu que está no Cadastro Nacional de Museus, que é o Museu Histórico e Geográfico de São João de Meriti sem muitas informações.

---

<sup>32</sup> Disponível em <<http://www.palmares.gov.br/?p=12899>> acessado em 11/05/2021 ou pode acessar também <<https://www.museus.gov.br/sao-joao-do-meriti-tera-museu-em-homenagem-a-lider-da-revolta-da-chibata/>>acssado em 11 de abril de 2021.



**Figura 23** : Muro do Museu João Cândido.

Fonte: <http://sitedabaixada.com.br/local/negro-muro-marinheiro-joao-candido/>



**Figura 24:** Placa em Homenagem ao João Cândido.

Fonte: [https://meriti.rj.gov.br/home/placa\\_marinheiro/](https://meriti.rj.gov.br/home/placa_marinheiro/)

Ao lado de São João de Meriti, está localizada Nilópolis (a cidade de Nilo), homenagem ao presidente Nilo Peçanha em 1931. Antes chamada de fazenda São Matheus, as terras de Nilópolis foram vendidas em 1854 ao Barão e Visconde de Mesquita, depois passou a ser vendida pelo português João Alves Mirandela, dando início ao desmembramento de alguns lotes que pertenciam à fazenda. (A VOZ DOS MUNICÍPIOS FLUMINENSES, 2010, p.13). Só em 1947 é que Nilópolis veio a se tornar uma cidade, com a emancipação. O município ainda conta com uma grande reserva natural dividida com a cidade de Mesquita, o Parque Gericinó sob jurisdição

do exército, ligado ao projeto Turismo Verde da Baixada Fluminense. Na cultura, o município se destacou com a escola de samba G.R.E.S Beija-flor de Nilópolis sem contar com o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Nilópolis (1952)<sup>33</sup> e a longa feira municipal de Nilópolis, na famosa rua da Mirandela.

Nas suas antigas edificações encontramos o Palacete Queiroz Lopes, que foi construído em 1871, o casarão possuía 42 cômodos e hoje seu estado é de total abandono. Localizados mais ao centro, encontra-se a Loja Maçônica União de Iguassu (1930), matriz da padroeira da cidade a Igreja Nossa Senhora da Conceição (1920), a Sinagoga Israelita (1936) foi inaugurada na rua Mena Barreto devido a grande maioria de comerciantes judeus que fugiram das perseguições nazistas, a Primeira Igreja Presbiteriana (1919), a Capela São Matheus (1637) e a Estação Ferroviária (1914), sendo a sua linha férrea ainda em uso e seu prédio fechado. Encontramos no Cadastro Nacional de Museus o registro do Museu da Beija-flor de Nilópolis, só que este projeto está planejado desde 2008, ainda não obtendo a concretização da construção do prédio.



**Figura 25:** Escola de samba G.R.E.S Beija - Flor de Nilópolis.

Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/07/13/escolas-do-rio-comecam-a-retomar-di>

<sup>33</sup> Disponível em <[https://carnaval.fandom.com/pt/wiki/Unidos\\_de\\_Nil%C3%B3polis](https://carnaval.fandom.com/pt/wiki/Unidos_de_Nil%C3%B3polis)>. Acessado em 13 de outubro de 2021.

sputas-de-samba-enredo-interrompidas-no-inicio-do-ano.ghtm.

Belford Roxo é uma cidade que surgiu no século XIX, próximo ao rio Sarapuí, cercado por pântanos e brejos ficavam a Fazenda do Brejo, seu último dono era o comendador Manuel José Coelho da Rocha, mais tarde, em suas terras, se formou uma pequena cidade chamada Vila do Brejo. Em 1888 uma forte estiagem que durou meses deixou a população numa seca, levando até a corte a ficar sem água. Os engenheiros Paulo de Frontin e o Raimundo Teixeira Belford Roxo, fizeram uma proposta de levar em seis dias água para a corte, após conseguir a realização da proposta este acontecimento ficou conhecido como “o milagre das águas”. Um ano depois, veio a falecer Belford Roxo, e a Vila do Brejo passou a ser chamada de Belford Roxo.<sup>34</sup> Em 2017, a Secretaria do Meio Ambiente do município, elaborou um projeto de revitalização da Fazenda do Brejo, em parceria com a Universidade ABEU e o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB)<sup>35</sup>, apesar do antigo casarão estar em acelerado processo de degradação, o projeto tinha o objetivo de enfatizar o valor histórico, e também atrair investidores e gerar empregos na cidade.

O município passou por um crescimento industrial, sendo uma das empresas mais conhecida é o grupo de fábricas da indústria Bayer, que se instalou no município na década de 1950, graças a negociação do próprio presidente Juscelino Kubitschek.<sup>36</sup> A Bayer tem investido no Grêmio Recreativo Escola de Samba Inocentes de Belford Roxo, principal escola de samba da cidade. A empresa também promoveu a instalação da “Bica da Mulata”, um antigo chafariz esculpido em ferro e com traços renascentistas, trazida da França pelo imperador D. Pedro II.<sup>37</sup> Seus eventos culturais abrangem a festa da emancipação; o Torneio

<sup>34</sup>Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/belford-roxo/historico>> acessado em 19 de abril de 2021.

<sup>35</sup> Disponível em <<https://arqueologia-iab.com.br/iab-participa-de-audiaancia-paoblica-sobre-revitalizaa%C2%A7ao-da-fazenda-do-brejo/>>. Acessado em 17 de maio de 2021.

<sup>36</sup> Disponível em <<https://www.bayer.com.br/pt/>>. Acessado em 17 de maio de 2021.

<sup>37</sup> Disponível em <<https://prefeituradebelfordroxo.rj.gov.br/2020/10/16/bica-da-mulata-e-instalada-em-novo-local-de-protacao-ambiental-em-belford-roxo/>>. Acessado em 17 de maio de 2021.

Joca, em homenagem ao primeiro prefeito da cidade; a Procissão de São Sebastião; a Festa de São João Batista, na Matriz da Paróquia São João Batista-Piam e a festa Junina do Arraiá do Nojento.

Em relação às instituições museais, encontramos o Museu IAB registrado no Cadastro Nacional de Museus, este museu fica dentro do Instituto de Arqueologia Brasileira que comporta também, um museu virtual em seu site<sup>38</sup>.



**Figura 26:** Museu do IAB Belford Roxo.

Fonte: <https://www.noticiasdebelfordroxo.com/2017/09/o-instituto-de-arqueologia-brasileira.html>.

Mesquita, objeto de pesquisa deste trabalho, foi a última a se emancipar do município de Nova Iguaçu, em 1999<sup>39</sup>. Ela será abordada no capítulo seguinte.

Conforme descrevemos, a parte cultural dessas regiões é rica e diversificada. Procuramos demarcar em cada município os principais destaques, como as escolas de samba, as festas de rua, as feiras populares, o patrimônio edificado e as instituições. São municípios que estão desenvolvendo a força cultural local. A Baixada é sinônimo de resistência em decorrência do modo como a cultura é compreendida e articulada. Contudo, a representação da Baixada Fluminense é associada a outros aspectos como a violência e tendo uma condição de região

<sup>38</sup> Exposição do Museu virtual, disponível em <https://arqueologia-iab.com.br/museu-virtual/>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

<sup>39</sup> Disponível em <http://www.mesquita.rj.gov.br/pmm/sobre-a-cidade/>>. Acessado em 22 de maio de 2021.

periférica. “Essa noção se consolidou no imaginário do urbano fluminense, repercutindo, inclusive, nas literaturas acadêmicas de geógrafos que trabalham a temática do urbano no Brasil.” (ROCHA, 2013, p.6).

Algumas ações culturais envolvendo toda essa região, como a Casa de Cultura da Baixada<sup>40</sup>, Turismo Verde, o Turismo na Baixada<sup>41</sup> e o trabalho de construção de mapear os quilombos, fortalece não só os laços, mas também, divide as suas aflições e angústias perante ao descaso de projetos de fomento do governo. As ações culturais do conjunto da Baixada garantem o fortalecimento desses valores identitários, como Reinaldo Dias coloca “os valores organizam-se de tal modo na sociedade, que se impõem aos seus membros, orientando os pensamentos e atos de todos os indivíduos”. (DIAS, 2009, p.105).

Quando tratamos de instituições museais, relacionadas à Baixada Fluminense, observamos ao longo do texto que a maioria dos museus foi construído recentemente, principalmente no período de 2000, alguns dentro da perspectiva da Nova Museologia, que trabalha de forma integrada sobre um território. Algumas cidades da Baixada Fluminense embarcaram nessa concepção museal, fazendo surgir museus em terreiros, como o Museu de Etnologia Ode Gbomi em Nova Iguaçu, e o ecomuseu Museu Vivo de São Bento em Duque de Caxias. Reforçando a definição de Museus, na lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009, são instituições que interpretam, pesquisam, preservam e promovem o valor científico, cultural e patrimonial, visando na questão territorial que colabora no processo socioeconômico (LEGISLAÇÃO SOBRE MUSEUS. 2013. p 28).

Segundo o Cadastro Nacional de Museus, no qual constam mais de 3.700 instituições museológicas no país, e na região da Baixada, estão cadastradas tanto as instituições culturais, quanto Museus cadastrados, porém, cidades como Japeri, Queimados, Itaguaí, Paracambi, e Mesquita são marcadas pela ausência de museus e instituições culturais, como vemos na tabela abaixo e o gráfico de

---

<sup>40</sup> Disponível em <<https://casadaculturabaixada.org.br/>> acessado em 19 de maio de 2021.

<sup>41</sup> O Turismo na Baixada é um site que enfatiza lugares e eventos da Baixada como a festa da banana, o cineclubete mate com angu e alguns museus. disponível em<<http://sitedabaixada.com.br/turismo/>> acessado em 21 maio de 2021.

levantamento de dados sobre museus registrados nesse mesmo Cadastro.

**Tabela dos Museus da Baixada Fluminense**

<b>Municípios</b>	<b>Instituições Culturais no CNM</b>	<b>Museus que não estão no CNM</b>	<b>Quantidade de Instituições no CNM</b>	<b>Quantidade Total</b>
<b>Belford Roxo</b>	Museu do IAB	nenhum	01	01
<b>Duque de Caxias</b>	Instituto Histórico Vereador Thomé Siqueira Barreto / Câmara Municipal de Duque de Caxias.  Museu Ciência e Vida;  Museu da Memória Política de Caxias;  Museu Histórico do Duque de Caxias e da Taquara;  Museu Vivo do São Bento.	nenhum	05	05
<b>Guapimirim</b>	Parque Nacional da Serra dos Órgãos;  Centro de Visitantes Museu Von Martius.	nenhum	02	02
<b>Itaguaí</b>	Casa de Cultura de Itaguaí	nenhum	01	01
<b>Japeri</b>	nenhum	nenhum	00	00
<b>Magé</b>	Museu de Armas e Brasões;  Museu Cultural do Rádio;  Museu Casa da FEB.	Museu MAMY - Mariangela Yanase	03	04
<b>Mesquita</b>	nenhum	nenhum	00	00

<i>Nilópolis</i>	Instituto de Pesquisa e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense;  Espaço Ciência Interativa;  Museu da Beija-Flor (em implantação);	nenhum	03	03
<i>Nova Iguaçu</i>	Espaço Cultural Anna Marcia Mixo;  Instituto de Pesquisas Afro Cultural Odé Gbomi.	nenhum	02	02
<i>Paracambi</i>	nenhum	nenhum	00	00
<i>Queimados</i>	Espaço Cultural Antônio Fraga	nenhum	01	01
<i>São João de Meriti</i>	Museu Histórico e Geográfico de São João de Meriti	Museu Marinheiro João Cândido	01	02
<i>Seropédica</i>	Centro de Arte e Cultura da Universidade Rural do Rio de Janeiro;  Centro de Memória da UF Rural do Rio de Janeiro;  Jardim Botânico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Museu do solo;  Museu de Zoologia.	03	05
	Total		22	27

**Tabela 01** fonte: Baseado na pesquisa do Cadastro Nacional de Museus. Disponível em <<http://sistemas.museus.gov.br/cnm/pesquisa/filtrarUf>>. Acessado em 22 de maio de 2021.

### Gráfico comparativo dos museus que estão no Cadastro Nacional do Rio de Janeiro vs Baixada Fluminense.



**Gráfico 01:** Comparativo dos museus que estão no Cadastro Nacional do Rio de Janeiro vs Baixada Fluminense. fonte: Baseada nas pesquisas no site <<http://sistemas.museus.gov.br/cnm/pesquisa/filtrarUf.>>. Acessado em 22 de maio de 2021.

Ao longo da pesquisa, consideramos o Cadastro Nacional de Museus, um sistema relevante e eficaz na busca de instituições. Todavia, seu sistema, por não ter qualquer restrição para se cadastrar, está propício a ter falhas, quando por exemplo, ocorre o cadastro de museus sem de fato ele existir realmente, como acontece no Museu da Beija-flor em Nilópolis, pois o projeto ainda está em implantação, ou quando falta informações básicas no formulário sobre a instituição como endereço, do que se trata a instituição etc.

Também se percebe que existem muitos museus que não estão no CNM, embora a divulgação do próprio seja pouco conhecida. Diante do crescimento de instituições museais na região, o levantamento mostrado na tabela e no gráfico, indica que ainda há uma diferença muito relevante sobre a concentração de espaços culturais em determinados lugares e a ausência de Instituições em outros, desencadeando impasses enfrentados pela população fluminense no acesso à cultura. A cidade de Mesquita se identifica no dilema de não possuir nenhuma instituição cultural registrada no Cadastro Nacional de Museus, ainda que o site funcione há mais de dez anos.

O sistema de cadastro foi criado para aumentar a comunicação e informação entre as instituições e projetos museais, cada vez mais acessível e aberto para que qualquer instituição cultural possa se registrar. São 316 Museus cadastrados no Estado, 150 museus só na capital e 22 instituições na Baixada Fluminense.<sup>42</sup> Assim como o Sistema Nacional de Cultura (SNC), criado para facilitar e ampliar a integração de diversos lugares do país e alcançar municípios descentralizados. “Considerando que a proposta do MINC (Secretaria de Cultura), a partir do SNC é integrar todas as instâncias federativas, estaduais e municipais, de forma que tenham ampliado os direitos à cultura” (Gonçalves, Simões, 2016).

De acordo com Gonçalves e Simões, o SNC foi criado com o objetivo de ser democrático, transparente e descentralizado, o sistema do SNC geralmente funciona com conferências, Conselhos de Política Pública, Plano Nacional Cultural, Sistema de Financiamentos à cultura entre outros tópicos que viabiliza esse acesso de garantir a estrutura cultural em cada município. Entretanto, segundo Gonçalves e Simões, O SNC encontra-se com alguns lapsos, como por exemplo: eficácia do próprio SNC, que delibera poucos recursos destinados a áreas sociais, ocasionando em obstáculos para o conselho de propor melhorias; falha também na igualdade de deliberação de ações culturais que muitas vezes não sai do papel; falta de articulações tanto das esferas públicas, focalizados nos pontos centrais ou capitais do Brasil, quanto na falta de articulações em regiões consideradas pequenas ou periféricas (Gonçalves, Simões, 2016). Porém, quando se trata de regiões como a Baixada Fluminense, nos fazem questionar sobre o modelo de sistema político cultural no qual estão se baseando.

“As políticas culturais nos municípios da Baixada Fluminense por conta das dificuldades de recursos e da falta de planejamento acabam sendo realizadas informalmente, o que faz com que após os anos daquele governo a ação não continuem acontecendo.” (GONÇALVES, SIMÕES, 2016, p.14).

Para Gonçalves e Simões às ações de investimentos culturais nesta região tem algumas similaridades, elas priorizam a cultura de mercado; investem mais em

---

<sup>42</sup>Cadastro Nacional de Museus disponível em <<http://sistemas.museus.gov.br/cnm/pesquisa/listarPorUf?uf=RJ>> acessado em 23 de setembro de 2021.

eventos e não movimentam setores culturais enraizados nas próprias comunidades locais; os recursos são mal administrados, geralmente são voltados para a realização de eventos; cada gestão nova não dá continuidade; as instituições culturais geralmente recebem o mínimo ou nada para se manterem funcionando e a falta de prioridade de recursos do governo estabelece uma escassez de instituições voltadas a este âmbito. Quando esses recursos são viabilizados do governo para a região não há igualdade de investimento, principalmente em instituições museais. Estes são os cerne das dificuldades culturais enfrentadas pela Baixada Fluminense.

#### **4. Mesquita e a ausência de Museus**

Neste capítulo, pretendemos apresentar a construção histórica da cidade de Mesquita, que nasceu numa lógica de interesses comerciais e políticos, desencadeando a extinção da tribo Jacutingas e a ocupação de uma sociedade mista de etnias. Vamos apresentar também, os aspectos culturais que a cada dia vem se tornando os valores transformadores, que dinamizam e expressam o ambiente da cidade, sem deixar de alavancar as suas raízes identitárias. Também, discutir sobre a ausência de museus, que ainda não é palpável para todos, e explorar a necessidade patrimonial desta cidade, evidenciando seus elementos culturais.

##### **4.1 História da Cidade**

Mesquita é a mais nova cidade do Estado do Rio de Janeiro, fazendo fronteira com os municípios de Nova Iguaçu, Belford Roxo, Nilópolis, São João de Meriti e a Capital fluminense; onde o acesso não seria direto, pois entre elas há uma cadeia de montes, que inclui o de Gericinó. Sua história tem base nas lutas de identidade, desde a ocupação por índios jacutingas a partir de 500 anos antes da escravidão, Jacutingas era o nome dado pelos colonizadores europeus as tribos que eram de etnia tupinambá, de acordo com Fábio Carneiro Mendonça de Lima:

O termo “jacutinga” é oriundo de “jacu”, nome de uma ave de grande porte que habita as regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil, estando hoje praticamente extinta no território do estado do Rio de Janeiro, mas que no século XVI fornecia os penachos que serviam como adornos dos índios que

habitavam a região. (LIMA, 2019, p. 23)

O que provocou o desaparecimento dessa sociedade foi, com a colonização dos portugueses no século XVI, o apagamento cultural de um povo originário na região da Baixada Fluminense. Portanto, a colonização da região que viria a ser Mesquita seguiu para uma direção no desenvolvimento agrário das grandes fazendas movidas por escravizados. O local passou a ser conhecido posteriormente como “Terras de Mutambó”.

O passado histórico de Mesquita conduziu, por meio da historiografia disponível, aos caminhos da descoberta de Mutambó, designativo, considerado por alguns autores e documentos, às antigas terras que hoje compõem a cidade de Mesquita. (SILVA, 2015, p.6)

Em 1812 Mutambó era um Quilombo, na Freguesia de Santo Antônio da Jacutinga (inaugurada no século XVII), que hoje é o bairro de Jacutinga em Mesquita (SILVA, 2015, p. 7). Nesse período, Mesquita possuía plantações de açúcar e servia de caminho para a área de mineração e transporte de sacas de café. Estas terras pertenciam ao 1º Barão (1846), Visconde (1854) e Conde (1866) José Francisco de Mesquita que viveu no período entre 1790-1873. Ele era filho do Marquês de Bonfim. Segundo o Arquivo Nacional,<sup>43</sup> José Francisco foi banqueiro, vereador da Casa Imperial e da Câmara da Corte (SITE, ARQUIVO NACIONAL, DIBRARQ). Com sua morte, ele entregou as terras para seu filho Jerônimo José de Mesquita, o 2º Barão de Mesquita.

---

<sup>43</sup>Disponível

em<  
<http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/mesquita-jose-francisco-de-1790-1873>>. Acessado em 23 de setembro de 2021.



Da esquerda para a direita, **figura 27** José Francisco de Mesquita e **figura 28** Jerônimo José de Mesquita. Fonte: <https://www.geni.com/people/Jos%C3%A9-Francisco-de-Mesquita-1%C2%BA-Marques-de-Bonfim/600000017564660297>;  
 Fonte: <https://www.geni.com/people/Jer%C3%B4nimo-Jos%C3%A9-de-Mesquita-conde-de-Mesquita/6000000017564202378>

A construção da linha férrea em 1858, ligando a estação D. Pedro II ( Estação Central do Brasil), mobilizou parte da economia do Estado da Guanabara (Rio de Janeiro). Contudo, a estação da região, que é composta por Mesquita, só foi inaugurada em 1884 dando o nome inicial de “estação de Mutambó”, como a região era conhecida. Com a morte de Jerônimo a parada da estação de Mutambó passou a ser chamada de Mesquita como Silva descreve:

Em 1884, foi inaugurada uma parada de trem nas terras cedidas pelo Barão de Mesquita para passagem dos trilhos, que recebeu o nome de Jerônimo de Mesquita (posteriormente Mesquita). Alguns autores e documentos se referem a Mutambó para nomear as terras que compunham essa região antes da inauguração oficial da parada de trem. (SILVA, 2005, p. 48)

No passar dos anos, as fazendas entraram em declínio por diversos fatores como a falta de mão de obra barata, por conta da abolição dos escravizados; desgastes do solo; falta de inovação de técnicas para as plantações; epidemia de cólera, entre outros que favoreceram na abertura das indústrias e nas vendas de terrenos pertencentes às fazendas da região. “O espólio da antiga Fazenda Cachoeira foi dividido, transformando-se em chácaras, sítios de cultivo e beneficiamento de plantações de laranjas, que dariam um novo impulso à localidade” (SILVA, 2005, p. 49). Essa região também era conhecida como a terra do laranjal, pois era forte sua produção de laranjas, assim como Nova Iguaçu, teve a

otimização econômica no século XX.



**Figura 29:** Casa sede da Fazenda Cachoeira ao fundo e a capela de Nossa Senhora da Conceição.  
Fonte: Exposição da Casa de Cultura Ney Alberto - Nova Iguaçu.

Até os anos de 1940, estas regiões foram responsáveis por movimentar a economia nacional em 34% (Castro, 2012), por volta do mesmo ano, sua população atingia cerca de 9109 habitantes (SILVA, 2005, p.50). No período da Segunda Guerra Mundial (1935-1945), obteve a queda do preço da laranja resultando na decadência da produção cítrica na região.

Após a definição completa das linhas férreas no século XX, surgem os loteamentos, o comércio local e as fábricas que impulsionaram a economia da cidade como as olarias; a BRASFERRRO, metalúrgica de grande porte; a IBT, também metalúrgica e a PUMAR, indústria de sombrinhas (SILVA 2007). O processo de industrialização cresceu nos anos de 1950, empregando vários moradores da região e adjacentes, com o declínio da produção cítrica e o crescimento de fábricas e comércio local, Mesquita já dava sinais de desmembramento de Nova Iguaçu, nesse período.

Em 1952 Mesquita passa a ser 5º distrito de Nova Iguaçu, formado pelos bairros de Presidente Juscelino, Edson Passos, Banco de Areia e Chatuba, com o distrito definido por sub-bairros, tendo crescimento populacional, econômico, e

sendo envolvido pelo “aquecimento de criação de novas cidades no país, a partir da promulgação da constituição de 1946” (SILVA. 2005. p.82), surgem as primeiras ideias de uma emancipação. Silva destaca também, sobre uma entrevista com um mesquitense, atuante do envolvimento da emancipação, e que estava na primeira reunião na sede de um clube esportivo realizada em 1957:

[...] Daí eu comecei a andar mais e conhecer mais. Foi exatamente aí quando no dia 05 de maio de 57, aqui na sede de um clube de futebol que nós tínhamos, o “Sete de Setembro”, na rua Maria Vecchi, esquina com Mr.Watkins, sobrado, aonde hoje, é, embaixo, é [...] uma lanchonete, e ali foi a primeira reunião que nós tivemos para a emancipação de Mesquita, presidida pelo Doutor Jackson Trindade, irmão do Regner Trindade [...] (entrevista realizada em maio de 2004 – grifos da autora). (SILVA. MARIA. 2005. p.85)

Este relato, é um exemplo de que inicialmente, a ideia de uma cidade independente a Nova Iguaçu era palpável, e ao apoiar a concepção da emancipação desta cidade, poderiam instaurar uma política independente e focalizar no desenvolvimento e na infraestrutura da região. No processo da batalha judicial para se constituir Mesquita como cidade, exigiu-se para seus representantes, uma determinação e persistência, sendo uma missão longa e cheia de questionamentos. Na época, foram realizados três plebiscitos, até a emancipação de fato.

O primeiro plebiscito só ocorreu depois de quase trinta anos da reunião de 1957, datado no dia 06 de setembro de 1987. Maria de Fátima Silva, relata essa demora em suas entrevistas, dizendo que “(...) em meados da década de 1980, coincidindo com os tempos de abertura política no país.” (SILVA. 2005. p.138). Assim como Zorzanello pontua:

As décadas de 1980 e 1990 representam para a história do Brasil o apogeu, no tocante, a criação de unidades político-administrativas. Assim, apoiadas na Constituição Federal de 1988 e nas Leis Complementares Estaduais e, principalmente, na maleabilidade que estas proporcionavam aos estados brasileiros para acentuarem e ampliarem os processos emancipatórios, conseqüentemente, a base territorial do país foi fortemente modificada, pois suas divisões territoriais internas adquiriram novos moldes (ZORZANELLO. 2013).

Em 28 de novembro de 1993, ocorreu o segundo e o terceiro em 26 de novembro de 1995. Todos os três plebiscitos foram inválidos pelo quórum exigido

por lei e ficou aquém do exigido<sup>44</sup>. O Tribunal Regional Eleitoral considerou que os 44 mil eleitores estavam distantes dos 48 mil exigidos. Até que em 1999 numa batalha judicial, liderada por José Paixão e apoiadores, a vitória chegou no Poder Judiciário e no dia 25 de setembro de 1999, Mesquita foi elevada à categoria de cidade. Porém, Mesquita ainda é constituída de cidade-dormitório, pois as atividades existentes não são suficientes para empregar a enorme população fixa.

A nova cidade ainda está em desenvolvimento nos seus fatores histórico, econômico e cultural, mas, após a sua emancipação, concedeu a ação pela autonomia municipal dinamizando a cidade. De acordo com o IBGE de 2020, sua população no mesmo ano era de cerca de 176.569 pessoas. Uma cidade pequena onde sua extensão demográfica é de 4.310,48 hab/km<sup>2</sup> (IBGE – 2010).



**Figura 30:** Centro de Mesquita.

Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/01/mesquita-tera-drive-thru-para-vacinacao-contra-covid-19-a-partir-de-sabado.ghtml>

---

<sup>44</sup> “Há vários tipos de quorum para aprovação de matérias e demais decisões da Casa. O mais comum é o de maioria simples, exigido para aprovação de projetos de lei ordinária, de resolução e de decreto legislativo, bem como de Medida Provisória, que pode também ser aprovada por votação simbólica.” Fonte: Agência Senado, disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/quorum-de-votacao>>. Acessado em 11 de outubro de 2021.

## 4. 2 Espaços culturais da cidade

A Cultura está relacionada, entre outros, a um conjunto de crenças, costumes, conhecimentos, padrões, valores e normas, que carregam traços identitários de uma determinada população. Convém lembrar que a política cultural é o elemento chave para transformações sociais, onde exalta os hábitos culturais de um local e viabiliza comunicação entre outras comunidades. Para isso, tem que haver aberturas de espaços participativos, que garantam a gestão cultural mais acessível para a atuação e diálogo da comunidade local.

Em Mesquita, existem espaços, que servem como pólos de ações culturais, que protagonizam e impulsionam a cultura municipal. De acordo com o *site* oficial da Prefeitura de Mesquita (2021) e com os relatos de moradores da cidade, algumas atividades são citadas como importantes para o cenário cultural mesquitense, dentre as quais podemos destacar: a feira do livro; feira de artesanato; blocos de samba (BOCA e Barreira); festas de rua organizada pela igrejas Nossa Senhora das Graças e São José; Escola Municipal de Artes da Chatuba (escola de circo); Escola de Grafite; Teatro Gracinda Freire (de caráter privado); Centro Cultural Oscar Romero, que é uma biblioteca comunitária; pré-vestibular comunitário; espaço para apresentações de shows e teatro; Casa de Cultura Espírita e Centro Cultural Mr. Watkins, onde são ofertados cursos de dança, música e teatro, além de contar com uma sala de cinema, shows musicais e local para exposições.

Segundo o *site* oficial da Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo (SEMCELT) da Prefeitura de Mesquita (2021), a cidade oferece de forma gratuita diversos cursos, como: balé, dança do ventre, dança de salão, dança de rua, teatro, música, xadrez, capoeira, pintura em tela, escultura e grafite. As instalações da Vila Olímpica também podem ser utilizadas para a prática de esportes. Podemos citar, também, o Estádio Nielsen Louzada (o Louzadão), grupos de capoeiras como o Instituto Cultural Mestre Nagô, Roda Cultural da praça, quadra de ginástica e piscina.



**Figura 31 e 32:** Escola Municipal de Artes da Chatuba.

Fonte: <http://www.mesquita.rj.gov.br/pmm/semgov/semcelt/2019/08/23/escola-municipal-de-artes-da-chatuba-sera-inaugurada-neste-sabado/>



**Figura 33:** Centro Cultural Oscar Romero.

Fonte: <https://www.facebook.com/CentroCulturalOscarRomero/>.



**Figura 34:** Associação Cabo Verdiana.

Fonte: <https://www.mundolusiada.com.br/cplp/associacao-caboverdiana-do-rj-comemora-50-anos-de-fundacao/>.

Além disso, existem as Associações de Moradores em cada bairro, a Associação Cabo Verdiana, que completou 60 anos em 2021, e o Colóquio

inter-religioso (ocorreu em 2017 organizado pela prefeitura que conta com a participação de líderes religiosos da umbanda, do catolicismo, do protestantismo, do judaísmo, do espiritismo, do candomblé, da maçonaria, da União Wicca Brasil e do ateísmo). Todas estas instituições, associações e iniciativas citadas realizam um importante serviço social junto à comunidade, elas funcionam como espaços alternativos para encontros culturais.

Contudo, quando se trata de políticas culturais efetivas e a longo prazo, Mesquita ainda tem dificuldades em implementá-las, principalmente em se tratando de instituições culturais. Hoje a maioria das instituições mesquitenses mencionadas, exceto pelas instituições mais recentes como: Escola Municipal de Artes da Chatuba, Vila Olímpica, Centro Cultural Mr. Watkins, e a SEMCELT, surgiu sem o apoio da política municipal. No caso do Centro Cultural Mr. Watkins, que foi financiada pela antiga moradora e empresária Lily Safra, que quis fazer uma homenagem ao seu pai, o empresário e imigrante russo Wolf White Watkins<sup>45</sup>, segue com o prédio em funcionamento, mas, segundo o secretário de cultura Kleber Rodrigues (informação verbal),<sup>46</sup> aborda que existem problemas estruturais e para isso a verba é relevante. O grande desafio está em como a implementação do SNC viabiliza o investimento institucional e patrimonial na cidade. Em uma entrevista do prefeito de Mesquita em 2016 com relação ao Sistema Nacional de Cultura:

“Através da nossa gestão foi criado o Plano de Cultura aonde foi criado, o Sistema na verdade, o Conselho Municipal de Cultura que até então era um parto na cidade, então através de uma articulação política, de juntar com a família de vereadores nós aprovamos a Lei que rege hoje o município, a questão do Sistema de Cultura e pra gente foi um grande marco da cidade, foi o maior marco da cidade.” (PP MESQUITA) ( IN:GONÇALVES, SIMÕES, p.17)

Nos últimos cinco anos, Mesquita iniciou uma movimentação importante no quesito cultural ouve uma dinamização e evolução dos projetos culturais. Mas, quando se trata de criação de instituições culturais em comparação com outras cidades vizinhas, a região ainda fica muito para trás, principalmente quando se trata

---

<sup>45</sup> Mais informações disponíveis em <<https://odia.ig.com.br/odiabaixada/2015-08-15/centro-cultural-mister-watkins.html>>. Acessado em 19 de outubro de 2021.

<sup>46</sup> Entrevista concedida por Marina Monteiro Nascimento, realizada no dia 28 de outubro de 2021.

de Museus.

Pode se dizer, que os motivos para o déficit de criações de instituições culturais, sobretudo a ausência de museus são (i) gestão que tende a priorizar ações pontuais como saúde, educação, transporte e segurança; (ii) escassez de verbas - quando de fato há verbas direcionadas exatamente para questões culturais, pois são voltadas sempre para reparar danos de gestões antigas (no passado, as verbas eram muito voltadas para construções de monumentos em praças e vias públicas, ou para construções de eventos como aniversário da cidade e entre outros); (iii) política com herança de não investimento em educação patrimonial; (iv) não se vê grande engajamento dos próprios políticos da cidade para desenvolver algum projeto cultural que envolve Museus por causa de falta de um espaço apropriado para a construção; (v) Museus é sinônimo de elitismo e de coisa velha, na opinião de alguns cidadãos, acarretando na ausência de museus.

Apesar de Mesquita não ter um Museu de fato, pode-se observar que existem espaços que tendem a se tornar similares às ações de uma instituição museal. O maior exemplo disso são as praças de Mesquita, espaços onde se reúnem diferentes pessoas de diferentes idades em diversos bairros da cidade, o local está sempre em movimento e com várias expressões e exposições culturais, principalmente as praças que se fixam no centro. Nelas existem monumentos que são objetos simbólicos e atividades/projetos culturais que articulam com a sociedade local.



**Figura: 35:** Praça Elizabeth Paixão.  
Fonte: <https://jornalhoje.inf.br/wp/?p=109254>.



**Figura 36:** Homenagem às pracinhas mesquitenses que foram na segunda guerra mundial.



**Figura 37:** Monumento à Bíblia. Fonte: Foto da Autora.



**Figura 38:** Roda Cultural de Mesquita na Praça João Luiz do Nascimento, mais conhecida como Praça da Telemar. Foto: Wesley Brasil. Fonte:

<https://wesleybrasil.com/post/175931386614/a-roda-cultural-de-mesquita-rcpt-foi-barrada-pela-prefei>



**Figura 39:** Projeto Vem Pra Praça.

Fonte: <http://www.mesquita.rj.gov.br/pmm/semgov/semcelt/2019/01/18/projeto-vem-para-praca-tem-edicoes-especiais-de-ferias-em-mesquita/>.



**Figura 40:** Instituto Cultural Mestre Nagô - Mesquita RJ.

Fonte: <https://www.facebook.com/ICMN.Mesquita/>.

Outro espaço que se assemelham a uma exposição de museus de percursos, são os grafites fixados nos muros da linha de trem que divide a cidade. Tanto de um lado quanto do outro, a exposição artística vai do bairro de Juscelino até Edson Passos, que está dentro do projeto “Revitalizart”, chamado de “Mesquitense Raiz”.<sup>47</sup>

São expressões artísticas, que automaticamente convidam a olhar para a tela, mesmo que esteja no transporte ou caminhando, as pinturas chamam a atenção pela a criatividade de como foi exposto e pela localização importante. Os grafites são expostos em um “painel de 10 metros de comprimento e 2,5 metros de

<sup>47</sup>

Disponível em <<http://www.mesquita.rj.gov.br/pmm/semgov/semcelt/2019/05/13/grafite-enfeita-as-paredes-de-mesquita/>> acessado em 20 de outubro de 2021.

altura” (Prefeitura de Mesquita, 2019)<sup>48</sup>, as artes são inspiradas na própria população mesquitense, enfatizando os personagens de Mesquita, começando com os primeiros habitantes que foram os povos Jacutingas, depois os rostos de crianças que frequentam creches e escolas municipais, personagens também bastante conhecidos da cidade, como os músicos Dicro e Romildo (Sambistas mesquitenses). Figuras que deixaram sua marca em Mesquita como o Johw, que todo dia andava pelas ruas com uma fantasia diferente, e o José Carlos conhecido como o Mussum de Mesquita.



**Figura 41:** Homenagem aos primeiros habitantes. Fonte: Foto da Autora.

48



**Figura 42:** Homenagem aos artistas locais. Fonte:Foto da Autora.



**Figura 43:** Homenagem aos dois mesquitenses. Fonte:Foto da Autora.



**Figura 44:** Placa da exposição que diz “anônimos que foram eternizados na galeria á céu aberto”.  
Fonte:Foto da Autora.

Estes espaços não substituem um Museu, mas integram a identificação patrimonial da cidade, enaltecendo expressões culturais da região e articulam com a população em geral, garantindo o acesso da população a ações afirmativas e identitárias, de modo a alcançar a maioria da população historicamente excluída. Assim, nasce a compreensão de se pensar em uma política de representatividade cultural municipal, desse modo, abrimos oportunidades para a compreensão de hábitos da sociedade local, permitimos o acesso para espaços que nos abrange a reflexão do cotidiano dessas pessoas.



**Figura 45:** Muro Grafitado. Fonte:

<https://extra.globo.com/noticias/rio/historias-de-personalidades-negras-sao-retratadas-em-pinturas-nos-muros-de-mesquita-na-baixada-fluminense-24960526.html>.

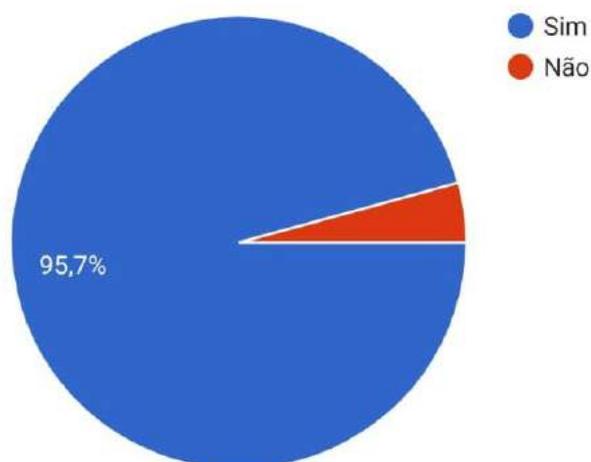
### 4.3. O olhar da população

Visto que, as expressões culturais integradas na sociedade mesquitense, fazem parte de ações e expressões do dia-dia, nada mais justo do que conhecer o ponto de vista dos moradores de Mesquita, principalmente os que trabalham de alguma forma com a cultura. Pois, a abordagem procura entender o conhecimento e o olhar dos mesquitenses sobre a necessidade de se ter um Museu na cidade.

Para ampliar a nossa análise e compreensão utilizamos a pesquisa qualitativa, conforme Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (2009) abordam, pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade com o objetivo de compreender e explicar mais preciso o possível entre o global e o local, no âmbito social e o natural. A pesquisa qualitativa será dividida em três etapas: 1. Exploratória, pois, “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p.35); 2. pesquisa documental, no caso, analisa fontes diversificados como gráficos e estatísticas; 3. pesquisa de campo, porque abrange a investigação, permitindo levantar dados e informações além das análises de documentos e bibliográficos, como entrevistas ou outros recursos (GERHARDT, SILVEIRA, 2009).

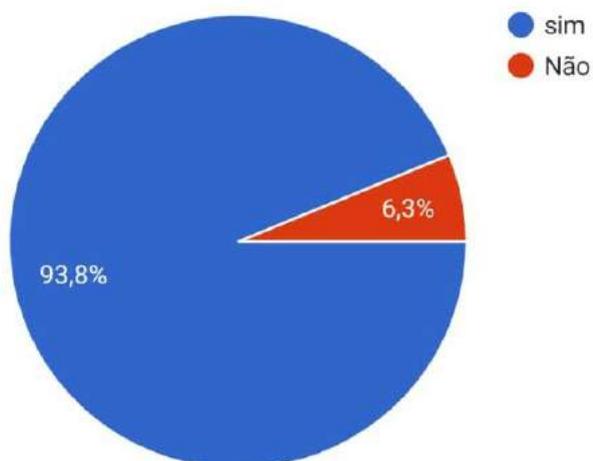
Na pesquisa aqui apresentada, foram utilizados dois modos de entrevista, o primeiro sendo questionários online, e o segundo, um conjunto de entrevistas semiestruturadas com distintos atores, nos locais de encontro como: casas residenciais, pontos de movimentação social como a vila olímpica e também instituições culturais. Quanto aos questionários, a análise a seguir procede de entrevistas com 48 mesquitenses, de diferentes idades, que vão de 15 a 69 anos. Na investigação, buscou-se saber se os moradores já visitaram algum museu, pois o propósito é o reconhecimento e contato da instituição museal através de outras

idades, e de acordo com o gráfico abaixo, mais de 90% responderam que sim.



**Gráfico 2:** percentual de quem já foi ao Museu.

Neste caso, a ausência de museus não significa o desinteresse pela instituição como tal, todavia, frequentá-la também não significa fazer questão do acesso ao museu, ou seja, nem todos vão se sentir pertencentes nestes espaços. Por isso, a questão a seguir buscou saber o que a população pensava sobre a criação de um museu na cidade, e mais de 90% responderam que sim, que gostariam.



**Gráfico 3:** percentual se querem Museu na cidade.

Para aqueles que disseram que sim, qual seria a tipologia do museu, ganhou com 64% dos votos o Museu de Bairro, e para aqueles que responderam não, a pesquisa se propôs a perguntar o porquê não querem museus na cidade, e algumas respostas foram: “Acho que temos necessidades mais urgentes de alocação de recursos na cidade”; “o Museu me parece um luxo, frente ao modo como nossa população é tratada”; “não gosto de museus”; “porque estamos precisando com urgência é de atendimento de 24hs, no caso um hospital”.

Em relação ao segundo conjunto de entrevistas, realizadas por meio de um questionário semiestruturado, obteve-se alguns dados que permitem algumas análises. As primeiras entrevistas foram realizadas com moradores mais antigos de Mesquita, ao qual, pautaram algumas questões sobre as lembranças culturais antes da emancipação e problemas no acesso às atividades culturais atualmente:

“Agora com 80 anos me fugiu muita coisa, mas, me lembro que tinha um Bloco em Mesquita, Folia de Reis, entravam nas casas, tinha vários, mas depois diminuíram. Hoje em dia, nas atividades culturais, tem coisa importante, eu não tenho muita participação, mas o trabalho feito foi mais para o grupo jovem. Eu trabalhei como professora do estado no colégio aqui em Mesquita, e faltava pouco para completar 30 anos, tinha atividades, e era muita atenção se aluno conhecesse alguma coisa da sua cidade, da onde nasceu, da sua origem.” (DIAS, 2021)

Pode se dizer, que de acordo com a memória do entrevistado, antes da emancipação, Mesquita tinha algumas manifestações culturais mais tradicionais, com vínculo nas festividades religiosas e nos carnavais, e o acesso a elas era grande, um ponto importante é que as atividades culturais de agora são mais voltadas para um grupo mais jovem.

“Antes da emancipação tinha bloco, festa junina, e tinha concurso né, disputa de Bate-Bola<sup>49</sup>, carnaval daqui era muito bom, e agora a gente vê pouco. Sinceramente, nada de atividade, depois que parei de dar aula, não vi mais, por causa da violência e pandemia. Na parte de saúde e na parte das escolas eu não tenho o que reclamar, mas deveria ter biblioteca né”. (ARAÚJO, 2021)

---

<sup>49</sup> “No RJ Pessoa que, no carnaval, sai fantasiada com macacão colorido, capa e máscara, batendo com força no chão uma bola presa a um cordão”. Disponível em <<https://www.aulete.com.br/bate-bola; ou https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/03/05/conheca-os-grupos-de-bate-bola-tradicao-centenaria-no-carnaval-do-rio.ghtml>>. Acessado em 28 de outubro de 2021.

Outro ponto importante, é o crescimento da violência na região, apesar do desenvolvimento da cidade, a violência contribui para a limitação de acesso às manifestações culturais.

“Antigamente, conforme Mesquita pertencia a Nova Iguaçu, então não sabíamos da politicagem deles lá, mas agora que tem prefeito, vereador, ainda não sabemos de nada, e geralmente quando se tem cultura, muda a cada prefeito. Acho que deveria ter um Museu, um teatro, um cinema.” (MEDRADO, 2021).

“Sinceramente eu acho que Mesquita deveria ter um museu, deveria ter para os jovens acompanhar mais de perto a evolução aquilo que progrediu, aquilo que parou, que poderia ter continuado entendeu? Museu você sabe que é uma coisa que traz as relíquias da nossa cidade, a participação daqueles que iniciaram e construíram a cidade. E como eu gostaria de ter um museu na cidade, na prefeitura já estive mais de uma vez na exposição de fotos que a própria população doou, meu pai já doou fotos para lá”. (DIAS, 2021)

A cidade já abrigou um cinema nos anos de 1950 e mais tarde em 2013, onde passava filmes clássicos como o de Mazaropi e Chaplin. Atualmente não se tem cinema, também não existe um teatro municipal e muito menos um Museu. É nítido que os moradores sentem a falta de uma instituição cultural municipal, pois a cultura fortalece laços identitários e faz crescer o conhecimento patrimonial. Halbwachs (1990), permite uma análise da memória como sentido de pertencimento. O autor compreende que é impossível trazer a evocação e a localização de uma memória sem ter um ponto referencial de fatos e acontecimentos em nossas vidas (HALBWACHS, 1990. p.09). Lembranças são fortalecidas principalmente quando um elemento, cheiro, objeto ou lugar fornece um combustível ativo que tende a compartilhar vivências, e se estiver um espaço que se propõem em trabalhar com a sociedade local, estas ações podem se dizer que é uma memória espacial do meio material (HALBWACHS, 1990 p.131).

Os espaços culturais são de extrema importância, são lugares que geram manifestações artísticas, históricas e patrimoniais de diferentes formas como a Casa de Cultura Espírita, suas atividades vão além do vínculo religioso com shows e noite de caldos.

“A Casa de Cultura Espírita faz 17 anos agora, eu passava nessa rua aqui e vi uma placa de vende-se, juntamos um grupo e decidimos comprar o terreno, a gente não sabíamos muito o que queríamos, a gente queria fazer

uma coisa um pouco diferente dos moldes tradicionais da Casa Espírita, e aqui resolvemos trabalhar o espiritismo através da arte” (OLIVEIRA, 2021).

A Casa de Cultura Espírita é uma instituição sem vínculo com a prefeitura, e a entrevistada Ana Oliveira (informação verbal)<sup>50</sup>, uma das fundadoras, relatou também que tem percebido que neste governo que está vigente, tem tido um bom progresso na área cultural, porém, ela enfatiza que já existiu uma casa de cultura chamada João Prado<sup>51</sup>, que inclusive foi na inauguração, levando a família, mas com a mudança de prefeito, o prédio mudou de nome, homenageando outro. Este é um caso bem específico, de que faltou uma sensibilidade e valorização com o artista local. Os espaços são importantes, entretanto, a alma desses espaços torna o lugar único.

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com atores culturais através de uma instituição cultural como a Casa de Cultura Espírita, e o outro com o depoimento do Subsecretário Municipal de Esporte, Cultura, Lazer e Turismo: Luis Kleber Rodrigues Farias, sendo seu segundo mandato desde 2017, ele esclarece sobre de como era a gestão cultural, e como isso ocasionou num obstáculo estrutural.

“A cultura sempre foi, mais do que deveria ser, instrumento de política partidária, e não de política pública, então o que a gente percebia, que você tinha o desenvolvimento de algumas ações focalizadas, principalmente para apresentação, produtos culturais e não fazer a formação de platéia, criar novos artistas, dá oportunidades para eles se apresentarem, eu acho que isso se dava em função de dois grandes eixos: a gente não tem equipamentos de cultura qualificados, de arte e cultura na cidade, e a gente também não tinha uma visão de longo prazo” (RODRIGUES, 2021)

Conforme os apontamentos sobre a herança da gestão antiga, concede a noção de como a política cultural não tinha um engajamento mais a sério, tendendo a projetos que não deixam um legado cultural. Para se ter noção do problema, nem sede da própria secretaria de cultura havia de fato, e ao longo do processo a cultura precisou recuar para se organizar segundo o secretário de cultura de Mesquita.

“Não estamos fazendo uma política continuada, até porque, antes não se

---

<sup>50</sup> Entrevista concedida por Marina Monteiro Nascimento, realizada no dia 26 de outubro de 2021.

<sup>51</sup> Nome de um poeta, mesquitense, membro de várias associações literárias, inclusive a Academia Internacional de Letras. Disponível em <<http://joao-prado.blogspot.com/p/o-homem-o-poeta.html>>. Acessado em 27 de outubro de 2021.

“tinha nada estruturado, mas a gente quer muito continuidade, para novas gestões, por isso também, a gente quer que o povo participe, porque quanto mais participação engajamento cívico digamos assim, mais difícil será para qualquer gestor que não tenha o entendimento, que é da importância desse tipo de ação estruturada, vai ser mais caro para ele destruir, então por isso a gente quer que o povo esteja junto da gente”. (RODRIGUES, 2021).

“Temos o desejo de construir equipamentos como eu já tinha falado né, museu eu não sei se a gente consegue, sendo bem sincero, para construir um negócio de qualidade por exemplo que eu consiga o acervo reserva por exemplo do Museu Nacional, se tivéssemos um baita de um equipamento aqui, a gente conseguiria articular com eles, ficarem expostos aqui, aquela reserva que eles têm lá, que está guardada, e que para eles é ruim por acaba deteriorando, mas hoje não temos condições de fazer, pelo menos a priori, pelo o que a gente ver, esse espaço qualificado como a gente quer, como a gente acha importante. vamos ver se a gente consegue avançar, mas eu acho bem difícil, não temos o terreno assim com dimensões bacanas para a gente fazer,” (RODRIGUES, 2021).

Conforme os relatos dos entrevistados, podemos observar que não há um desconhecimento do que é Museu, pois, quebra-se o mito de que cidades pequenas ou periféricas, são locais de pessoas que não frequentam porque desconhece tal instituição, outro ponto, é que em sua maioria há o interesse sim de uma instituição museal na cidade, e se preocupam não só com a ausência de um museu, mas também, de outras instituições culturais básicas como o teatro, biblioteca e até mesmo um cinema.

O secretário de cultura, reconheceu o déficit de uma política cultural continuada, e foi sincero em relação à construção de um museu. É verdade que um museu necessita de espaços adequados e equipamentos de qualidade (informação verbal)<sup>52</sup>, entretanto, a realidade dos museus atuais do Brasil, ainda mais os museus da Baixada Fluminense, são museus construídos com bases nos orçamentos reais, ou surgidas na adaptação de espaços preexistentes, como o Museu da Maré que foi construída na casa mais antiga do bairro ou o Museu do João Cândido, instalado na antiga casa do próprio, onde também mora seu filho mais velho. Não se trata de improvisado, mas de não esperar um cenário utópico, para se fazer acontecer o processo museológico. Algumas propostas são e devem ser pautadas no realismo do local ao qual está inserido, e um Museu sonhado, por incrível que possa parecer, é capaz de se levar anos para ser construído.

---

<sup>52</sup> Entrevista concedida por Marina Monteiro Nascimento, realizada no dia 28 de outubro de 2021.

A palavra ausência de acordo com o dicionário significa “estado, particularidade ou condição de ausente, não presente”.<sup>53</sup> No cerne deste trabalho, a ausência de museus é trabalhada de acordo com os interesses do coletivo no campo sociocultural. O crescimento de ações e instituições culturais pelo país, principalmente na Capital do RJ, nos permite trazer a reflexão e crítica sobre exclusão de acesso e política de representatividade cultural. Marília Xavier Cury (2006) afirma que os museus, enquanto lugares de preservação patrimonial, abarcam como funções basilares a coleta, pesquisa, documentação, conservação e comunicação para fins de estudos e lazer, encadeamento esses que configuram o processo de musealização. (CURY, 2006).

Os benefícios que um museu pode trazer são inúmeros, mas podemos destacar que um museu permite entender a trajetória do lugar evidenciando o seu patrimônio histórico e a representatividade social e local. Permite também mediar as ações culturais; a salvaguarda de bens materiais e imateriais; promovendo o turismo, e movimentando a economia local; propicia a redução das desigualdades sociais e raciais porque desenvolve o conhecimento histórico social e cultural, coloca a cidade no mapa cultural. Convém lembrar, que não podemos forçar a população a inserir instituições de patrimônios ou culturais para representá-los, pois nem todos os cidadãos, vão se sentir representados se implementarmos um museu em sua localidade sem uma análise e diálogo. Como havia dito antes, tem que haver o interesse e também fazer sentido, que abrange os fatores simbólicos, históricos, econômicos e significativos para os cidadãos locais.

---

<sup>53</sup> Disponível em <<https://www.dicio.com.br/ausencia/>> acessado em 25 de setembro de 2021.

## 5. Considerações Finais

As cidades são formadas por um complexo de singularidades que tecem a sua história e moldam sua identidade. Por isso, as políticas culturais têm o dever de tornar as ações identitárias em alicerces, que viabilizam em realizações conjuntas no desenvolvimento da cidade, onde o patrimônio passa a ser respeitado, seja ele material ou imaterial. Contudo, ao tratar sobre as ações culturais no Estado do Rio de Janeiro, geralmente temos uma visão ampla de que a cultura do Estado é homogênea e que o governo federal garante a estrutura cultural em cada município. Em vista que a capital do RJ já possui um desenvolvimento bem estruturado na área cultural, muitas vezes não se considera a situação patrimonial de lugares menos favorecidos, como a Baixada Fluminense.

A Baixada Fluminense, muitas vezes é postulada como um lugar marginalizado, nesse contexto, criam-se obstáculos para o desenvolvimento cultural e forças motivacionais vindas principalmente do governo do Estado. Há muita resistência e dificuldades para se investir pesado nessas áreas, sobretudo em instituições museais. Mas pode-se destacar que tem surgido um olhar cultural para a região.

As articulações entre as esferas públicas federal, estadual e municipal e a iniciativa privada precisam ser melhoradas, um passo importante é conhecer a realidade da região. O Sistema Nacional Cultural surgiu a fim de fomentar a descentralização de projetos culturais. Já o Cadastro Nacional de Museus permitiu mapear e dar a conhecer o acesso às instituições culturais. O que se percebeu foi uma discrepância entre as instituições na capital e periferias. A repartição dos investimentos econômicos também não é igualitária, tomando como exemplo os investimentos do Museu de Arte do Rio (MAR) e o Museu de Ciência e Vida de Duque de Caxias. Contudo, a maioria das políticas culturais da Baixada Fluminense, tende a investir em cultura de mercado, não investem em pontos culturais da própria cidade, são poucos os incentivos para artistas locais e dificultam no investimento de projeto de continuação.

Atualmente, percebemos uma evolução significativa na comunicação entre o governo e os municípios na gestão cultural, porém a problematização é que apesar de haver vários mecanismos, métodos, comunicação e ferramentas enfrentamos expressiva defasagem de investimentos públicos na área cultural. Entre outros, resultam na dificuldade da criação de espaços para se preservar o patrimônio, como os museus, instituições que têm por objetivo primordial preservar e comunicar o patrimônio cultural de uma comunidade. Não são as únicas instituições, mas os museus ocupam um espaço simbólico na valorização do patrimônio cujas funções não são substituídas por outros aparatos e ações culturais.

Os motivos que levam à criação de um museu precisam, necessariamente, estar ligados a uma vontade da população, pois é este envolvimento desde as bases do planejamento da criação do museu que irão instigar o sentimento de pertencimento daquela população em relação à instituição. É importante que a identidade cultural de um município se fortaleça, para evitar que suas memórias e traços característicos se percam e sejam apagados. Infelizmente, as políticas públicas direcionadas à cultura no município de Mesquita tendem a priorizar ações pontuais, que garantem maior visibilidade imediata em detrimento de processos mais complexos e de caráter mais duradouro, como é o caso da criação de um museu.

Em vista das crescentes reclamações e questionamentos da população à prefeitura em relação a criação de um museu na cidade, percebemos que sempre existem grandes déficits a serem corrigidos, atribuídos a gestões passadas. Esse cenário nos setores da Cultura, não permitem um projeto a médio e longo prazo, com isso perde-se tempo, dinheiro.

A falta de instituições culturais essenciais na cidade como: teatro, cinema, biblioteca e principalmente museus é um reflexo dessa falta de políticas públicas na área da cultura. Ao longo de nossa pesquisa observamos que há uma vontade de museu, expressa por meio de doações de fotos antigas para a prefeitura, por meio de manifestações artísticas como de grafites nos muros, ou quando se ocupam espaços públicos como praças e galerias temporárias. Porém, a concretização de

um museu depende muito de uma política, com ações continuadas, com intervenções em conjunto com a população mesquitense. Esse esforço coletivo poderia legar à cidade um importante equipamento que ajudaria na preservação da memória, autoestima da população, preservação de seu patrimônio. Poderia ainda promover algum turismo na cidade, refletindo na economia local e mesmo poderia contribuir com a diminuição da violência e a melhoria da imagem da cidade de Mesquita e da Baixada Fluminense.

## Referências Bibliográficas

AMARO, T. **Baixada Fluminense**. Associação dos Amigos do Instituto Histórico. RJ. 3 de jul. 2012. Disponível em <<http://amigosinstitutohistoricodc.com.br/?p=1>>. Acessado em 20 de abril de 2021.

ALMEIDA, D. A. **Estrada de Ferro Teresópolis em Guapimirim-RJ: projeto de um percurso patrimonial**. 2018. f.143-146. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - (PROARQ) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. 2018.

ALVES, L. L. **MAR – Museu de Arte do Rio: entre Rios de Janeiros. Rio de Janeiro**. 90f. 2018. Dissertação (Graduação em História da Arte) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2018.

ANGELO, E.R.B. SILVA, E. P. **As festas populares de Nova Iguaçu e suas representações culturais**. XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH. Natal, RN. 2013.

ARAÚJO, Maria Antônia dos Santos. Entrevista. [26 out. 2021]. Entrevistadora: Marina Monteiro Nascimento. Mesquita- RJ. 2021.

Arquivo Nacional Disponível em <<http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/mesquita-jose-francisco-de-1790-1873>>. Acessado em 23 de setembro de 2021.

A VOZ DOS MUNICÍPIOS FLUMINENSES. De Fazenda a Cidade. **A Voz dos Municípios Fluminenses 60 anos**. RJ. 2010, 68p. Disponível em <<https://pt.calameo.com/read/002015945c2554b04cd9c>>. Acessado em 21 de abril de 2021.

BEZERRA, L. A. **As Transformações nas Redes de Financiamento das Grandes Escolas de Samba do Rio de Janeiro (1984 - 2015)**. Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2018. p.56. Disponível em <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/2041.pdf>>. Acessado em 25 de maio de 2021.

BARBON, J. O Museu Nacional do Rio teme não ter dinheiro para reabrir em 2022. **Folha de São Paulo**: 09 de fev.2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2020/02/museu-nacional-do-rio-teme-nao-ter-dinheiro-para-reabrir-em-2022.shtml#:~:text=Os%20valores%20que%20a%20institui%C3%A7%C3%A3o,%C3%A9%20de%20R%24%20300%20milh%C3%B5es>>. Acessado em 20 de abril de 2021.

BARBOSA, L. FERNANDES, O. **Patrimônio Cultural Imaterial dos Afro -**

**Brasileiros na Baixada Fluminense: contradições e possibilidades.** Anais do XVII Encontro de História da ANPUH. Rio de Janeiro. 2016. 9p.

BRASIL. Medida provisória nº 870, de 1º de Janeiro de 2019. 2021. Diário Oficial da União. Disponível em <[https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/57510830/do1esp-2019-01-01-medida-provisoria-n-870-de-1-de-janeiro-de-2019-57510692](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/57510830/do1esp-2019-01-01-medida-provisoria-n-870-de-1-de-janeiro-de-2019-57510692)>. Acesso em: 10 de março de 2021.

BRASIL. **Política Nacional de Museus.** Org. NASCIMENTO, J.; CHAGAS, M. Brasília: MinC, 2007.184 p.

BRAZ, A. A. ALMEIDA, T. M. **A. De Merity a Duque de Caxias: Encontro com a História da Cidade.** 2º ed. Duque de Caxias, RJ: APPH-Clio, 2019. p.126

BRITTO, A. L. QUINTSLR, S. PEREIRA, M. S. Baixada Fluminense: dinâmicas fluviais e sociais na constituição de um território. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 39, nº 81, 2019. p. 22. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/4BjpRZq6jqWg5JYhnwB5V6d/?lang=pt#>>. Acessado em 26 de outubro de 2021.

CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS. **Instituto Brasileiro de Museus.** Brasil. 5 de dez. 2015. Disponível em <<http://sistemas.museus.gov.br/cnm/pesquisa/filtrarUf>>. Acessado em 10 de abril de 2021.

Câmara Municipal de Guapimirim. Disponível em <<https://www.camaradeguapimirim.rj.gov.br/informa%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

CASTRO, C. M. Sob o signo da terra: **especulação e transformações sociais em Nova Iguaçu (1940-1960).** Anais do XV Encontro Regional de História- ANPUH. Rio de Janeiro. 2012. p. 12.

CAZELLI, S. KÖPTCKE, L. S. LIMA, J. M. **Os museus e seus Visitantes: uma análise do perfil dos públicos dos museus do Rio de Janeiro e de Niterói.** In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (org.). Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 68-94.

CORDEIRO. J. S. S. GOMES. C.H.M. SANTOS. J. S. C. **Potencialidades do Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu na Região Turística da Baixada Verde (RJ).** Revista Eletrônica de Uso Público em Unidades de Conservação. UFF. Niterói, RJ. Vol. 8, nº 12. 2020. 11p.

CURY, M. X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: Annablume, 2006. p.160.

CUSTÓDIO, A. Único quilombo reconhecido na Baixada luta para sair do esquecimento. **Jornal Extra.** Magé. Rio de Janeiro. 19 de novemb. 2011. Disponível

em<<https://extra.globo.com/noticias/rio/unico-quilombo-reconhecido-na-baixada-luta-para-sair-do-esquecimento-3274861.html>>. Acessado em 09 de agosto de 2021.

DIAS, Isabel dos Santos. Entrevista.[26 out. 2021]. Entrevistadora: Marina Monteiro Nascimento. Mesquita- RJ. 2021.

DIAS. R. Desvio Social, Crime e Controle Social. Introdução à Sociologia. 2ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010. p. 131-144.

Dicio. **Dicionário de Português Contemporâneo**. Disponível em<<https://www.dicio.com.br/>>. Acessado em 31 de outubro de 2021.

DPHDM. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Marinha do Brasil. Disponível em<<https://www.marinha.mil.br/dphdm/>>. Acessado em 5de maio de 2021.

Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro - RIOTUR. Disponível em:<<http://www.rio.rj.gov.br/web/riotur>>. Acesso em 10 de maio de 2021.

EXTRA. Museu que guarda história do Patrono de Duque de Caxias existe desde 1972 na Fazenda São Paulo, na Taquara. **Jornal EXTRA**. Rio de Janeiro. 23 de jun. 2021. Disponível em<<https://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/museu-que-guarda-historia-do-patrono-de-duque-de-caxias-existe-desde-1972-na-fazenda-sao-paulo-na-taquara-5277817.html>>. Acessado em 23 de março de 2021.

FERNANDES, P. **Museu Nacional da UFRJ**. Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia, n. 8, 2018. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018, p.148,149.

GERHARDT, T. E. SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120p.

GONÇALVES, M. T. SIMÕES, J. M. **A Articulação Entre os Conselhos de Políticas Culturais dos Municípios da Baixada Fluminense e os Elementos do Sistema Nacional de Cultura**. IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. 2016.p. 22

HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. Editora: Vértice, 2º edição. São Paulo. 1990.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística . Censo Brasileiro de 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. disponível em<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj>>. Acessado em 15 de maio de 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. In Belford Roxo (RJ). Prefeitura. 2010. **História de Belford Roxo**. Rio de Janeiro: IBGE,

2007. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/belford-roxo/historico>>. acessado em 14 de março de 2021.

Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). instituições museológicas vinculadas ao Ibram. Disponível em <<https://www.gov.br/museus/pt-br/museus-ibram>>. Acessado em 31 de outubro de 2021.

Instituto Brasileiro de Museus. **Museus em Números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, vol.1-2. 2011. p.240

INEPAC. Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. Governo do Rio de Janeiro. Secretaria de Estado de Cultura. Disponível em <<http://www.inepac.rj.gov.br/>>. Acessado em 14 de setembro de 2021.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Estatuto da Fundação Nacional Pró-Memória. 1979. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pr/noticias/detalhes/1024/mario-de-andrade.>>. Acessado em 20 de abril de 2021.

KOSHIBA, L. PEREIRA, D. M. F. **História do Brasil no contexto da história ocidental**. 8 ed. rev, Atual. São Paulo. 2003. 622p.

Japeri. **História da cidade**. Disponível em <<http://www.japeri.rj.gov.br>> acessado em 10 de maio de 2021.

JULIÃO, L. **Caderno de Diretrizes Museológicas 1**. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º Edição. Disponível em <[https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2015/04/Caderno\\_Diretrizes\\_I-C\\_ompleto-1.pdf](https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2015/04/Caderno_Diretrizes_I-C_ompleto-1.pdf)> acessado em 20 de abril de 2021.

JULIÃO, L. **Ciência e política no Museu Nacional**. Revista Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia, n. 8, 2018. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018. Disponível em <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/10/revista-musas-n8.pdf>> acessado em 09 de março de 2021. p. 237-241.

Legislação sobre Museus. 2. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. 159 p.

LOPES, M. M.; MURRIELLO, S. E. **Ciências e educação em museus no final do século XIX. História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, Rio de Janeiro. 2005. p. 13-30.

LIMA, F. C. M. **Mesquita - RJ em foco: a história da Baixada Fluminense e as relações identitárias na educação básica** - 2019. 216.f. Dissertação (Mestrado em História). PROFHISTÓRIA. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO. Rio de Janeiro. 2019.

LIMA, L.C.M. **Rio, Zona Norte: um olhar sobre o subúrbio carioca**. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (Org.). 150 anos de subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF, 2010. p.234-253.

MEDRADO, Vera Lúcia de Assumpção. Entrevista. [26 out. 2021]. Entrevistadora: Marina Monteiro Nascimento. Mesquita- RJ. 2021.

Mesquita, a caçula da baixada fluminense. **Prefeitura de Mesquita**. Disponível em:<<http://www.mesquita.rj.gov.br/pmm/sobre-a-cidade/>>. Acesso em: 20 de março de 2021.

Ministério da Cultura - MinC. **Portal Brasileiro de Dados Abertos**. 2021. Disponível em:<<https://dados.gov.br/organization/about/ministerio-da-cultura-minc>>. Acesso em: 26 de março de 2021.

MORAES, P. **Lixo Extraordinário e Estamira: exclusão e “delírios” entre história e ficção**. 68 f. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG. 2014.

MUSEU COMUNITÁRIO DA PROVIDÊNCIA. Disponível em<<https://museumorrodaprovidencia.blogspot.com/>>. Acessado em 20 de fevereiro de 2021.

MUSEU DO SAMBA. 2015. Disponível em<<http://museudosamba.org.br/>>. Acessado em 25 de setembro de 2021.

MUSEU VIVO DO SÃO BENTO. Museu de Percurso. São Bento, Duque de Caxias, RJ. 2019. Disponível em<<https://www.museuvivodosaobento.com.br>>. Acessado em: 10 de maio de 2021.

Museu Nacional. Disponível em<<https://www.museunacional.ufrj.br/>>. Acessado em 25 de outubro de 2021.

O DIA. Japeri bonita no retrato. **O DIA na Baixada**. Rio de Janeiro. 25 de maio de 2019. Disponível em<<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/o-dia-na-baixada/2019/05/5645696-japeri-bonita-no-retrato.html>>. Acessado em 30 de outubro de 2021.

OLIVEIRA, Ana Maria dos Santos. Entrevista. [26 out. 2021]. Entrevistadora: Marina Monteiro Nascimento. Mesquita- RJ. 2021.

Oliveira, M. F. R. **Do café à policultura: Fazendeiros, lavradores foreiros e as transformações na estrutura fundiária de São Francisco Xavier de Itaguaí. (1850- 1900)**. 2015. [118 f.]. Dissertação( Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, [Seropédica-RJ] .

PEREGRINO, M. Museu Aberto do Morro da Providência completa 11 anos. **Jornal O Cidadão do Bairro Maré**. Maré. Rio de Janeiro. 09 de ag. de 2016.

PIEVE, S.M.N. **Baixada Fluminense: notas preliminares sobre sentidos e identidades de uma região.** UFRRJ. 2019. p.16. Disponível em<<http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=1219>>. Acessado 21 de outubro de 2021.

PRATS, L. **Concepto y gestión del patrimonio local. Cuadernos de Antropología Social**, Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires, Argentina, n. 21, 2005. p. 17-35.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - Secretaria Municipal de Cultura - SMC. Disponível em<<http://www.rio.rj.gov.br/web/smc/exibeconteudo?id=8022499>>. Acessado em:10 de maio de 2021.

Prefeitura de Itaguaí. **Objetivo é atrair turistas para conhecer trilhas e cachoeiras de Itaguaí.** Itaguaí. 29 de març. 2018.

Prefeitura de Nova Iguaçu. Nova Iguaçu: conheça a história da origem da Baixada. Jornal Extra. Rio de Janeiro. 31 de jul. de 2018.

Prefeitura de Nova Iguaçu. Secretária Municipal de Cultura. Disponível em<<http://www.novaiguacu.rj.gov.br/cidade/>>. Acessado em 10 de abril de 2021.

Prefeitura de Queimados. Disponível em<<https://www.queimados.rj.gov.br/>>. Acessado em 13 de abril de 2021.

Prefeitura de Paracambi. **História.** Disponível em<<https://paracambi.rj.gov.br/historia/>>. Acessado em 01 de setembro de 2021.

Revista Universidade. disponível em: <<https://blog.ufes.br/revistauniversidade/2018/12/13/artigo-o-museu-que-se-ergue-da-s-cinzas/>>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

ROCHA. A. S. **Guapimirim – Representações, Trunfos de Legitimidade Territorial e Políticas de Significado.** Revista Geográfica de América Central, vol. 2, julio-diciembre, Universidad Nacional Heredia, Costa Rica. 2011, pp. 1-15.

RODRIGUES, kleber. Entrevista. [28 out. 2021]. Entrevistadora: Marina Monteiro Nascimento. Mesquita- RJ. 2021.

Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo (SEMCELT). Prefeitura de Mesquita. 2021. Disponível em:<<http://www.mesquita.rj.gov.br/pmm/categoria/semgov/semcelt/>>. Acesso em: 26 de março de 2021.

SENADO NOTÍCIAS, disponível em<<https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/quorum-de-votacao>>a cessado em 11 de outubro de 2020.

Seropédica. Disponível em <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-seropedica.html>>. Acessado em 26 de março de 2021.

SILVA, L. Maxambomba de Iguassu: de fazenda à cidade. **I Congresso Histórico Internacional. As cidades na História: População**. Vol.3. 2013. p 79 - 98.

SILVA, L. H. P. **De Recôncavo da Guanabara à Baixada Fluminense: Leitura de um Território pela História**. **Recôncavo**: Revista de História da UNIABEU Volume 3 Número 5 - Rio de Janeiro. 2013. p. 17.

SILVA, M. F. S. **Das Terras de Mutambó ao Município de Mesquita – RJ: memórias da emancipação nas vozes da cidade**. Rio de Janeiro/RJ. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento Linha de Pesquisa Memória e Espaço). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO. Rio de Janeiro. 2015.

SILVA, M. V. T. **Do SPHAN ao IBRAM: Subsídios para Compreender a Produção Documental dos Museus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)**. Revista Eletrônica Ventilando Acervos, v. 3. n. 1, nov. 2015. p. 60.75.

SEMADS/GTZ, 2001. **Ambiente das Águas no Estado do Rio de Janeiro**. Coordenador William Weber. Cooperação Técnica Brasil-Alemanha, Projeto PLANÁGUA SEMADS/GTZ. Rio de Janeiro: SEMADS, 230 p. 2001

SIMÕES. M. R. **A Cidade Estilhaçada: Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro. 2006.

SISTEMA NACIONAL DE CULTURA. **VerSNC**. Governo Federal. Brasil. Disponível em < <http://ver.snc.cultura.gov.br/tabela-uf-municipio>>. Acessado em 24 de outubro de 2021.

SOUSA, C. B. **Marinheiros em luta: a Revolta da Chibata e suas representações**. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. MG. 2012. 116p.

TINOCO, D. Escavações em extinto terreiro de Joãozinho da Gomeia buscam vestígios das práticas de religiões afro-brasileiras. **O Globo Brasil**. Rio de Janeiro. 27 ag. 2015. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/religiao/escavacoes-em-extinto-terreiro-de-joaozinho-da-gomeia-buscam-vestigios-das-praticas-de-religoes-afro-brasileiras-17314130>>. Acessado em 20 de abril de 2021.

WOOD. M. **Entre Paris e Itaguaí**. Universidade de Princeton. In :Otacílio Nunes Jr. 2009. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002009000100010](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002009000100010)>. Acessado em 10 de abril de 2021.

Zorzanello, L. B. **Emancipação de Municípios pós Constituição de 1988 - O Caso de Goioxim/PR**. REVISTA GEONORTE, 4(12), 1534-1550. 2013. p. 17. Disponível em <<https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/revista-geonorte/article/view/1251>>. Acessado em 25 de setembro de 2021.

## Apêndices

## APÊNDICE - Formulário de Pesquisa de Público.

Este formulário é uma pesquisa para identificar a opinião do público , com relação a ausência de Museus na cidade de Mesquita, no referente Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Pelotas.

**1) Nome**

**2) Idade**

**3) Você já foi ao Museu?**

Sim  Não

**4) Se sim, quantos Museus?**

**5) Gostaria de um Museu na cidade de Mesquita?**

Sim  Não

**6) Se sua resposta é Não, poderia dizer o por quê?**

**7) Se a sua resposta é sim, qual tipo de Museu?**

Museu Histórico: Museus em que prevalece a relevância histórica do seu acervo.  
Ex. Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro.

Museu de Arte: Onde o seu acervo é constituído exclusivamente de obras de arte, como Esculturas, pinturas e instalações.

Museus de Ciência: Onde o propósito é ensino da ciência e de suas formas de raciocínio. Museus Biográficos: Onde todo o acervo pertence ou foi produzido por uma só pessoa.

Museus Comunitários/Ecomuseus; Tem o intuito de preservar a região em que se encontra, o ambiente cultural, social e espacial, mais voltado para a comunidade de onde se encontra, do que para visitantes de fora.

( ) Museus De Bairro/ Cidade: O seu enfoque é sobre história e a cultura dessa localidade, um resgate da memória.



APÊNDICE Entrevista semi-estruturada para representantes de instituições culturais em Mesquita.

Local: Casa de Cultura Espírita.

Nome do representante: Ana Maria dos Santos Oliveira.

- 8) Quanto anos tem a Casa de Cultura Espírita?
- 9) Como surgiu a Casa de Cultura Espírita?
- 10) A Casa tem recebido algum apoio do governo ou da prefeitura da cidade?
- 11) O que acha das atividades culturais de Mesquita?
- 12) Como vê as políticas culturais no município?
- 13) Em relação ao patrimônio e memória do município, entende que deveria ser mais valorizado e também preservado?
- 7) Na sua opinião, Mesquita deveria ter um Museu? Se sim, porque ainda não tem?
- 8) Na sua opinião, se tivesse algum Museu na cidade, as pessoas frequentariam?



APÊNDICE Entrevista semi-estruturada para moradores de Mesquita.

Nome: Isabel dos Santos Dias; Maria Antônia dos Santos Araújo; Vera Lucia de Assumpção Medrado.

Tempo de moradia: Dias 80 anos; Araújo 75 anos; Medrado 76 anos.

**9)** Na parte cultural, como Mesquita era antes da emancipação e como a cidade está atualmente? Houve mudança?

**10)** O que acha das atividades culturais de Mesquita?

**11)** Como vê as políticas culturais no município?

**12)** Em relação ao patrimônio e memória do município, entende que deveria ser mais valorizado e também preservado?

**13)** Mesquita não tem Museu, como vê essa questão?

**14)** Na sua opinião, Mesquita deveria ter um Museu? Se sim, porque ainda não tem?

**15)** Na sua opinião, se a cidade tivesse um Museu, de que tipo deveria ser ou de que deveria tratar?

**16)** Há doação de fotos ou acervos para a prefeitura?



APÊNDICE Entrevista semi-estruturada para representantes de Políticas Culturais em Mesquita.

Cargo/Função: Secretário de Cultura

Tempo que atua com a Cultura: 5 anos.

- 17) Como vê a Cultura do município de Mesquita? Há alguma política nesse sentido?
- 18) O município tem algum Conselho ou algum grupo além da Secretária de Cultura que debate os movimentos culturais da cidade?
- 19) Quais as ações culturais que foram desenvolvidas pela gestão atual?
- 20) Na sua opinião, as políticas têm tido continuidade?
- 21) Qual é o investimento municipal em Cultura? Poderia mencionar os setores contemplados?
- 22) Como funciona a interação entre os poderes municipais, estadual e federal em relação a esse setor.
- 23) Nas iniciativas existentes, há participação da comunidade?
- 24) Em relação a Museus e Patrimônio, há algum projeto/iniciativa?
- 25) Na sua opinião, Mesquita deveria ter um Museu? Se sim, porque ainda não tem?
- 26) Na sua opinião, se tivesse algum Museu na cidade, as pessoas frequentariam?



### Questionário

O objetivo desse questionário é uma pesquisa para identificar, vetores (políticos, econômicos, sociais, culturais) que impossibilitam instituições museais de atuarem nesta cidade, e trazer esclarecimento e discussões que envolvem a política de cultura e salvaguarda de bens materiais e imateriais, no referente Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

*KLEBER RODRIGUES*  
Eu CPF: *075.987.827-76*, autorizo o uso das informações por mim prestadas nessa entrevista.

Assinatura *[Handwritten Signature]*  
*Kleber Rodrigues*  
SUBSECRETÁRIO DE CULTURA, ESPORTE,  
LAZER E TURISMO DE MESQUITA  
MAT: 601010.515

Local e Data *MESQUITA, 28/10/2021*



### Questionário

O objetivo desse questionário é uma pesquisa para identificar vetores (políticos, econômicos, sociais, culturais) que impossibilitam instituições museais de atuarem nesta cidade, e trazer esclarecimento e discussões que envolvem a política de cultura e salvaguarda de bens materiais e imateriais, no referente Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Eu CPF: 489 791 207 53, autorizo o uso das informações por mim prestadas nessa entrevista.

Assinatura Vera Loucia de Assumpção Medrado

Local e Data Mesquita 26 de Outubro de 2021



### Questionário

O objetivo desse questionário é uma pesquisa para identificar vetores (políticos, econômicos, sociais, culturais) que impossibilitam instituições museais de atuarem nesta cidade, e trazer esclarecimento e discussões que envolvem a política de cultura e salvaguarda de bens materiais e imateriais, no referente Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Eu CPF: 81.175.818-4, autorizo o uso das informações por mim prestadas nessa entrevista.

Assinatura x *Trabel dos Santos Dias*

Local e Data *16 de outubro de 2021. Mesquita*



### Questionário

O objetivo desse questionário é uma pesquisa para identificar, vetores (políticos, econômicos, sociais, culturais) que impossibilitam instituições museais de atuarem nesta cidade, e trazer esclarecimento e discussões que envolvem a política de cultura e salvaguarda de bens materiais e imateriais, no referente Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Eu CPF: 41730224768, autorizo o uso das informações por mim prestadas nessa entrevista.

Assinatura, Maria Antônia dos Santos Araújo

Local e Data 26 de OUTUBRO de 2021.



### Questionário

O objetivo desse questionário é uma pesquisa para identificar vetores (políticos, econômicos, sociais, culturais) que impossibilitam instituições museais de atuarem nesta cidade, e trazer esclarecimento e discussões que envolvem a política de cultura e salvaguarda de bens materiais e imateriais, no referente Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Eu CPF: *006 990 487-10*, autorizo o uso das informações por mim prestadas nessa entrevista.

Assinatura *x Ana Maria dos Santos Oliveira*

Local e Data

*Mesquita 26/10/21*